

Stadium

N.º 206 - 13 de Novembro de 1946 - Esc. 2\$30

CAIADO
do
Boavista
Futebol
Club

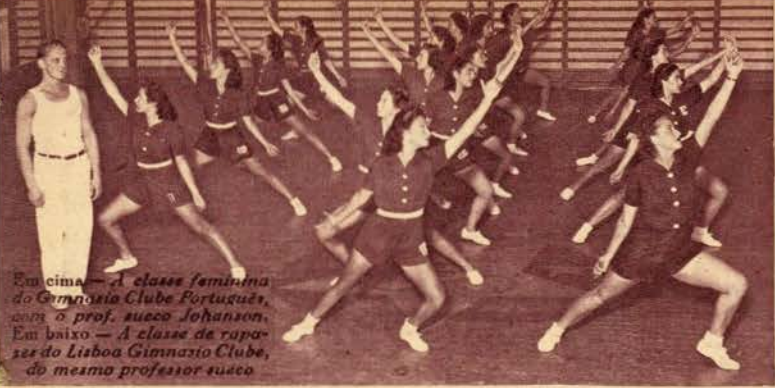


A ILUMINANTE

MATERIAL ELECTRICO
PARA
TODAS AS APLICACOES

*Av. Almirante Reis, 6
L. do Intendente, 11 a 17
Lisboa*

*R. Passos Manuel, 209
Porto*



Em cima — A classe feminina do Ginásio Clube Português, com o prof. sueco Johanson. Em baixo — A classe de rapazes do Lisboa Ginásio Clube, do mesmo professor sueco



A classe feminina do Lisboa Ginásio Clube, com o prof. Celestino Marques Pereira



A classe de rapazes do Lisboa Ginásio Clube com o prof. Alberto Marques Pereira



OS 3 grandes da GINASTICA

Ao lado — A classe do prof. Moura e Sá, do Ateneu. Em baixo — A classe de senhoras do Ateneu, da prof. Friedl Wachsmann



A ginástica é indispensável. Eis uma verdade — que já ninguém contesta... Torna o homem mais forte, mais saudável, mais confiante. Dá à mulher mais alegria, mais beleza, mais graciosidade — torna-a mais apta para exercer a sua sagrada missão de esposa e mãe...

Hoje, em todo o país são aos milhares os praticantes da ginástica desde os garotinhos de palmo e meio aos senhores barrigudos que frequentam as classes «moderadas»...

Estamos longe da época heróica. Da época em que Luis Monteiro — curvemo-nos ao pronunciar este nome — era olhado pela «gente bem» de então — como um «maduro» um «lunático»!

Avançou-se muito, tanto, que muita gente não chega sequer a fazê-lo, não avalia quanto se progrediu — em quantidade e em qualidade. A semente lançada por Luis Monteiro, fundando o Ginásio Club Português, germinou. Nasceu uma plantazinha — hoje é um roble gigantesco...

Ao G. C. P. juntaram-se outras colectividades — o Lisboa Ginásio, o Ateneu Comercial... Estes são os «tres grandes» da ginástica. Depois apareceram mais, muitos mais: o Sporting, que chegara a poder ser considerado outro «grande», o Benfica, o Tabacos, o Ateneu Ferroviário, o Atlético, o Campo de Ourique, o Estoril, o Sport Clube do Porto...

O movimento alargou-se. Cidou-se a Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia. De lá saíram muitos e bons professores. O nosso antigo colega «Os Sports» lançou a ideia dos cursos infantis — e deu-lhe execução com o apoio daqueles professores.

Por seu turno o Exército formava também professores de ginástica e alguns iam de largada à Suécia — preparar-se melhor.

Surgiu a «Moçidade Portuguesa». O Estado criou o Instituto Nacional de Educação Física e uma Direcção Geral.

A ginástica começou a entrar nos hábitos da nossa gente. Os «grandes» espalhavam, essas jornadas memoráveis, a propaganda da educação física: saraus brilhantes no Coliseu dos Recreios, exhibições aqui e alem, contacto com os espanhóis, cá e lá.

O progresso acentuou-se. E' insofismável. Mas há ainda muito caminho a desbravar, muitas dificuldades a vencer.

As tres grandes colectividades lisboetas lutam com a falta de espaço... vital. Bem querem alargar a sua actividade, aumentar o número das suas classes. Impossível. Sempre o mesmo «travão» a emperrear-lhe os movimentos, sempre a mesma luta todos os anos — onde meter tantos alunos, onde acomodar tantos sócios! Problema delicado — que elas já não podem resolver. Precisam de quem as ajude, de quem lhes facilite a nobre e patriótica tarefa, de quem as ampare e acarinho. Só o Estado está em condições de o fazer. Dêem-lhes espaço. Elas só querem espaço, horizontes mais vastos, campo de acção mais desafogada...

Olhemos o «velho» Ginásio Clube Português, saído da Carreirinha do Socorro — há mais de 70 anos — agora instalado na Rua Serpa Pinto. Os seus dirigentes fazem milagres. Abrem aqui mais uma sala, transformam outra acólá, deitam abaixo, resgam até onde é possível — e nada! Não chega ainda. E estuda-se, febrilmente, a solução do caso. E, entretanto, trabalha-se na esperança de melhores dias. A direcção, a que preside o grande desportista dr. Jorge Oom, não desanima. Tem fé. Há-de vencer!...

A caminho dos dois mil sócios o G. C. P. viu-se este ano «invadido» por uma multidão de alunos. Invasão pacífica — por bem... São mais de 500 ginastas — inscritos para frequentarem 23 classes!

Vão ter que fazer — os dirigentes, os médicos, os professores... Actualmente o Ginásio dispõe de magníficos professores: o sueco Curt Johanson, que rapidamente conquistou a admiração dos técnicos e a simpatia dos alunos; o suíço David Ballerstedt, um «sá» da ginástica olímpica, que não terá mãos a medir; Fernando Ferreira; dr. Liesel Mertheus... E, ainda, os mestres Campos Andrada, na esgrima; Júlio Hopfer, no jogo de pau; Humberto Caldas, na luta; Luís Viegas, no pugilismo; Júlio Represas e Angelo Mendonça, na ginástica artística; Ernesto Sales, nos pesos e alteres; Magalhães Pedroso, na dança...

Um verdadeiro escol — ao serviço de uma bela causa!

Voltemo-nos para o Ateneu Comercial, essa admirável instituição, que tão relevantes serviços tem prestado ao país.

Nas suas instalações insuficientes de há muito, cada vez mais insuficientes, vão funcionar 34 classes com mais de 500 alunos! Porque o A. C. L. resolveu — bem, como sempre! — abrir as classes aos alunos da sua escola comercial, Cafu-lhe uma avalanche em cima... Mas a direcção, com o esforço Vasco Ribeiro à frente, não tremeu!

Para tantos alunos teve o A. C. L. de arranjar professores em número suficiente. Consegiu-o. Ali não se olha a sacrifícios! E lá estão o dr. Pina Lopes, José Gascon, Moura e Sá — um bellissimo atleta que já é um excelente professor — Augusto Raposo, Alvaro de Jesus, dr. Friedl Wachsmann, a D. Maria de Lourdes Tainha...

(Continua na pág. 11)

BELENENSES VENCEU BEM!

Os melhores jogadores quase em «forma»

O problema do título será definitivamente resolvido no domingo



A nona jornada do Campeonato de Lisboa desempenhou perfeitamente o seu papel. Visto no seu conjunto, deixou-nos agradável im-

pressão: os *teams* apuram a sua *forma* e os jogadores também. Certo, não houve futebol académico ou de grande arte. Mas os grupos, regra geral, fizeram o suficiente em *ligação* para uma boa nota. Acrescente-se à chamada *qualidade do jogo* uma energia quase infundável e ainda força muscular revelada pelos jogadores, e verifica-se haver motivos de satisfação.

A observação de que os melhores jogadores lisboetas (e porque não todos?) estão decididamente a caminho da sua *boa forma* merece destaque especial, já que a época se apresenta carregada no campo internacional.

A jornada deu-nos um desafio emotivo e vibrante no Lumiar A, um encontro bem disputado em Marvila e um jogo de inferior qualidade na Tapadinha. Portanto: somatório de mérito.

Cumpriu ainda em outro ponto de vista. Sem dúvida, a *classificação geral* não sofreu alteração em quatro postos, do terceiro para baixo. Mas o triunfo belenense püssou para a *cabeça* o Benfica, colocando o Sporting em segundo. Vejamos os resultados:

Sporting... 0 — Belenenses... 2
Oriental... 3 — Benfica... 6
Atlético... 5 — C. U. F.... 1

Além do gosto de ganhar, sempre de tão apreciado sabor, o Belenenses não lucrara com o facto: o *título* já não estava ao seu alcance. O problema, a três dias de resolução final, é o seguinte: até à 9.ª jornada bastava o empate no dia derradeiro para os *leões* adoptarem a designação de campeão de Lisboa na época de 46-47, e depois do último domingo o empate é suficiente ao Benfica para a sua consagração oficial. Lem-

bre-mos que o Benfica-Sporting se disputa na casa do primeiro, para se concluir que os *encarnados* estão mais perto do *título* do que o Sporting. Claro! Jogo — é jogo. E esta competição só termina no último pontapé. Não tenhamos ilusões a tal respeito:

A Tabela apresenta-se do seguinte modo: Benfica, 9 jogos, 6 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 40 bolas contra 19, 23 pontos; Sporting, 9 jogos, 6 vitórias, 2 empates e 1 derrota, 34 bolas contra 18, 23 pontos; Belenenses, 9 jogos, 4 vitórias, 3 empates e 2 derrotas, 18 bolas contra 13, 20 pontos; Atlético, 9 jogos, 3 vitórias, 2 empates e 4 derrotas, 23 bolas contra 25, 17 pontos; Oriental, 9 jogos, 2 vitórias, 1 empate e 6 derrotas, 19 bolas contra 34, 14 pontos; Cuf, 9 jogos, 1 vitória e 8 derrotas, 13 bolas contra 38, 11 pontos.

Apareceram nesta jornada dois jogadores novos, ambos do Atlético, Franco e Barbosa, revelando qualidades.

Na categoria da reserva — a questão do *título* está praticamente resolvida. O Belenenses leva quatro pontos de avanço sobre o segundo (Sporting) e já fez a conquista. Já em segundas categorias, ainda interessa o último jogo: o Benfica tem mais dois pontos que o Sporting, mas defronta precisamente o Sporting. Tudo depende do resultado desse encontro.

Uma defesa sólida vale ouro...



NÃO deve surpreender quem quer que seja a vitória do Belenenses, ou, na outra face, a derrota do Sporting. Certamente, o *team* azul não

está na presente época como no ano findo, mas, mesmo assim, tem forças suficientes para bater o pé e levar a melhor. Entre os dois adversários não havia uma diferença intransponível.

O encontro teve duas imagens cortadas pelo intervalo. No primeiro tempo — leve superioridade do Belenenses; na segunda parte — domínio territorial do Sporting. No fundo, a vitória belenense está certa em virtude da coesão manifestada no grupo: o seu ataque fez duas bolas e a defesa fechou à chave as portas da baliza.

Os *azuis* evidenciaram na primeira parte melhor organização.

Isso não quer dizer que tenham constituído um *team* dominador. De forma alguma. As avançadas repartiram-se em ambas as metades do rectângulo, havendo do lado sportingista talvez mais fogaosidade, mas do lado belenense mais apurada ligação. Essa característica de *conjunto* representa a característica dominante de Belém: em passes compridos, variando de *asas*, os jogadores belenenses infiltraram-se várias vezes pelo adversário, em condições de êxito, e duas dessas vezes marcaram pontos. O Sporting apresentava, então, um sistema de marcação diferente do seu habitual, ocupando Cardoso na vigília ao extremo-esquerdo. Embora a *solução* não pareça ter sido satisfatória, porque o jogo não correu bem, julgamos tralrar-se de uma lúcida experiência.

O quadro modificou-se na segunda parte, ao caminhar-se do *jogo equilibrado* para o *domínio territorial* exercido pelos *leões*. Propositadamente empregamos esta expressão para não abranger o domínio técnico. Os sportingistas atacaram com ímpeto, mantendo a bola quase todo o tempo no campo de Belém, e revelando deste modo *capacidade física ou atlética*, posta em dúvida em anteriores desafios, mas faltou alguma coisa ao seu jogo. Ele apareceu-nos sempre confuso, fragmentado, sem clareza. Os *interiores*, serenamente, se têm baixado o jogo, podjam dar-lhe essa qualidade... Mas preferiram complicar a vida do seu ataque e facilitar a acção da defesa adversária, jogando por alto e de modo impreciso. E o Belenenses venceu — pela sua defesa. *Backs* e *holmes* conjugaram hábilmente, e a tal ponto que nunca se viu um buraco na zona perigosa. Sentindo-se perfeitamente a impotência de um ataque — que atacava! Porque os desafios também se ganham — não deixando as defesas que o adversário faça goals!

Certamente, foi prodigioso o esforço do Sporting, que, à custa de vontade e força, se instalou no terreno belenense, mas de aí não resultou gravidade para o Belenenses. Pode ser que esta reviravolta tenha sido operada pelo abandono de uma *marcação* e a adopção de outra, mas julgamos que ela se deve, fundamentalmente, ao brio dos jogadores e à necessidade, reconhecida por estes perto do *título*, de vencerem.

Os grupos alinharam, sob a arbitragem de Santos Marques.

Sporting: Azevedo, Marques, Cardoso, Barrosa, Canário, Veris-

simo, A. Ferreira, Vasques, Jesus Correia, Travassos e Albano.

Belenenses: Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Mário Coelho, Quaresma, Armando, José Pedro e Seocio.

A linha média justifica um triunfo!



EM dúvida, dos 3 Grandes, o que passou melhor o obstáculo de Marvila foi o Benfica. Semelhante observação pode ter algum valor. Con-

duz, pelo menos, à indicação de que o Benfica parece resolvido a não se deixar impressionar com os ambientes entusiásticos e estranhos. E saber jogar fora de casa é ótima coisa.

O Oriental não cedeu o passo facilmente. Soube lutar e defender os seus direitos com bravura e energia. Teve, mesmo, um período de futebol preciso e de boa marca: o ataque, *alimentado* com pericia pelos médios, desenvolveu avançadas de regular pontuação, mas saíram-lhe ao caminho dois lutadores... Moreira e Francisco Ferreira, ocorrendo a todas as situações, não só pararam os golpes despedidos pelos *orientais* como organizaram magníficas contra-ofensivas. Quer dizer, ao ataque do Oriental respondeu o Benfica, atacando. Por outro lado, o *team local* não soube tirar partido de várias oportunidades em frente das redes — mostrando-se o Benfica, no campo de realização, muito mais prático. Ora, um *team* como o Benfica, que com ça logo por marcar; e que, a meio do primeiro tempo, consegue duas bolas de avanço, resolveu o problema. De já para diante, a circunstância de não precisar do *resultado* dá-lhe serenidade bastante para dominar — em jogo. Aplicando na altura própria o *golpe de morte*.

Os *orientais*, como é próprio do seu estilo, não se entregaram, procurando, minuto a minuto, um triunfo que, para as suas cores, teria repercussões benéficas. Não é demais recordar que o bairro está a vibrar como nunca, com o futebol. A sua luta foi energética, mas em contraste com o Benfica e porque as situações eram diferentes, o grupo jogou em exaltação e sem serenidade, complicando muitas vezes o jogo — quando a linha recta era o caminho indicado.

O Benfica não mostrou somente talento na linha medular, regulando o futebol, mas também poder atacante, tendo concentrado no seu avançado-centro, oportunista e hábil, o homem preciso para inspirar os companheiros e ordenar os lances. Os outros atacantes corresponderam à chamada, mas quase todas as iniciativas foram de Júlio.

Sob a arbitragem de Henrique Borges Leal, os grupos formaram da seguinte maneira:

Oriental — Fernando, Silva, Moraes, Isidoro, Custódio, Carlos Costa, França, Leitão, Augusto, Vicente e Beltencourt.

Benfica — Pinto Machado, Teixeira, Félix, Jacinto, Moreira, Francisco Ferreira, Espírito Santo, Arsenio, Júlio, Baptista e Rogério.

(Continua na página seguinte)

Ano IV — II. Série — N.º 206
Lisboa, 13 de Novembro de 1946

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: TAVARES DA SILVA
Proprietário: SA SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REGIÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Cláudio José Gonçalves, 10, 3.º — Telef. 5.946 — LISBOA
Execução gráfica da NEGOTIUM, LIMITADA — LISBOA

O ESTORIL PRAIA

pode considerar-se já vencedor da prova

A penúltima jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. não proporcionou qualquer «novidade».

Tão natural se pode considerar a expressiva vitória do Estoril sobre o Arroios (9-3) como a escassa vantagem do F. Benfica perante o Sacavenense, como ainda o empate entre o Casa Pia e o Operário.

Como consequência destes resultados, as posições dos seis concorrentes não sofreram alterações. Do primeiro ao último todos conservaram os seus lugares, muito embora o caso entre benfiquistas e «operários» tivesse ficado mais esclarecido, pois se desfez a igualdade de pontuação.

A uma semana do fim da prova o Estoril Praia podia já considerar-se campeão, independentemente do resultado que vier a fazer no próximo domingo. Conservando a vantagem de dois pontos sobre o seu mais directo competidor? Ou deixando-se alcançar por ele?

A posição actual dos seis clubes não deixa de corresponder às suas possibilidades actuais e às suas actuações no decurso do campeonato.

O Estoril obteve um resultado a seu «modo» de tempos idos — quer dizer com elevada marcação de tentos. Mas não começou bem o desafio, pois deixou que o adversário obtivesse dois goals, em sete minutos. A osadia do Arroios podia ter influido decisivamente na sorte da luta se o adversário não fosse o Estoril. Mas os rapazes da Costa do Sol, formando um conjunto confiante nas suas possibilidades, responderam da melhor maneira, marcando, até o intervalo, cinco tentos, que devem

ter tirado quaisquer veleidades ao novo divisionário. No fim da primeira parte o vencedor da pugna estava já à vista, de modo que o segundo tempo decorreu já sem nada de notável.

Concedera-se ao encontro Casa Pia-Operário a honraria de o considerar o mais importante da jornada. Se essa distinção era conferida por se pensar que ele seria o de resultado mais indeciso, os factos encarregaram-se de demonstrar que havia razão para tal. No entanto, atentas as condições em que a luta se desenrolou, o resultado parece ter sido lisonjeiro para os «operários». É que os casapianos, tendo adquirido vantagem de um goal, aos 11 minutos da segunda parte, passaram a dominar até final. E o empate só foi possível mercê duma grande penalidade, marcada a quatro minutos do fim.

O F. Benfica venceu o Sacavenense pela diferença mínima. Tendo em vista as possibilidades reveladas por uma e outra equipa nas jornadas anteriores, temos de convir que o resultado é mais honroso para o vencido do que para o vencedor. Anote-se, ainda, que o terceiro goal dos benfiquenses... foi obra dum adversário, numa jogada a que convençionalmente chamou-se infeliz.

D. D.

A Taça "Costa Almeida"

ficou no Sporting

O encontro que opanha, no domingo, as equipas do Sporting e do Benfica — os grandes rivais de sempre e os grandes atractivos para o interesse público lisboeta — não desmentia as tradições e levou ao campo da Aliança uma assistência bastante numerosa e entusiástica.

Como os jogadores de ambos os grupos se empenharam com animação na luta, sem perderem o aprumo e a correcção de bons desportistas, a jornada servia para magnífica propaganda da modalidade, apesar dos protestos desproporcionados de alguns espectadores facciosos e ignorantes das regras de jogo, aqueles mesmos que estamos habituados a encontrar em todas as competições desportivas, sem vantagem para ninguém, nem sequer para o clube de que se dizem fervorosos partidários.

O encontro terminou com a vitória dos sportingistas por 6-3, com empate a duas bolas no momento do intervalo; foi jogado com invulgar rapidez e devem distinguir-se os dois meio-tempos, porque foi tecnicamente muito superior o primeiro. Depois do descanso intermédio, cada grupo substituiu um homem

sem nenhuma benéfico prático; Rogério (que aliás saiu antes do fim da meia hora) e Ribeiro não deram mais rendimento do que Leite e Alfredo e, ambos personalistas, contribuíram para a toada mais confusa, mais de choque e obstrução ilícita, que se verificou durante a segunda parte do jogo.

Quando o marcador estava em 4-2, o árbitro expulsou o defesa benfiquista Olímpio, que abusou de facto das entradas duras e irregulares, no sistema antigo; destoa do método geral da equipa e a sua substituição deve ser ídica e proveitosa ao clube. No caso presente, porém, a determinação do árbitro pareceu-nos demasiado rigorosa.

Os melhores elementos do grupo encarnado foram: o guarda-redes Chaves, em excepcional disposição, e a linha avançada, à qual Ferreira e Homero deram uma vivacidade eficiente.

O Sporting venceu bem; se é verdade que o adversário desaproveitou duas grandes penalidades (afinal dois maos remates, que representam deficiência do jogador), facto é também que os seus avançados lançaram contra a trave e os postes (observação idêntica à anterior) numerosas bolas fora do alcance de Chaves.

Falta à equipa um avançado centro decidido; o jogador utilizado é demorado no remate e incerto no maneo da bola.

A destacar o defesa Mira, que foi o melhor homem em campo.

A arbitragem do sr. Lempria não foi perfeita, mas foi honesta e não teve a mínima influência na marcha do jogo; se tivéssemos que a classificar atribuímos-lhe 13 valores.

José de Eça

CAMPEONATO DE LISBOA

(Continuação da pág. anterior)

Vitória aparentemente fácil



triufo atlético de 5-1 é enganador. O resultado parece conter a ideia de facilidade. E não é assim. O vencedor teve sempre o coração em sobressalto, e sómente consolidou o seu triunfo na fase última. Com 3-1 não estava lá muito seguro, tal como se desenrolava o encontro!

Venceu o melhor team, sem dúvida: aquele que mostrou melhor sentido, conjunto e ligação, apesar de não atingir craveira alta de futebol. Mas o vencido não saiu diminuído da luta porque respondeu aos golpes do adversário, especialmente na segunda parte.

De resto, se a Cuf tivesse melhor remate — outro galo cantaria! É uma grande deficiência da Cuf, a falta de remate, e esse mal lhe temos notado de outras vezes. O ataque carria todos os seus esforços para Armando Carneiro, em quem os outros acreditam, esquecendo-se todos que a função

de rematar não é de um mas de todos os elementos. De aqui resulta igualmente um futebol confuso, pois a referida unidade não dispõe de pé para todo o jogo.

Da parte do Atlético notou-se, pelo contrário, muito melhor remate. Quando as oportunidades surgiram — a bola seguiu o caminho das redes em boa direcção.

O segundo tempo foi melhor do que o primeiro. Gastão, da Cuf, postu no ataque (em experiência), desceu para o seu posto habitual, e isso influiu no trabalho da equipa. O Atlético interessou-se também mais pelo jogo — talvez forçado pelas circunstâncias. Porque, no primeiro tempo — tudo se passou sem brilho. Futebol confuso e desligado, sem disciplina: pontapés ao acaso, meia bola e força. As estreias verificadas no Atlético satisfizeram, e o avançado-centro, um pouco frágil, é elemento de habilidade e de bons pés, e com ideia do jogo.

Arbitro: José Serandesses.
Teams: Atlético — Correia, Baptista, Castro, Franco, José Lopes, Moraes, Oscar, Rosário, Barbosa, Gregório e Marques.
Cuf — Laranjeiro, Marques, Armando, Bernardo, José Alves, Alvaro Alves, Serra, Correia dos Santos, Armando Carneiro, Gastão e Réu.

Ténis

Campeonatos na Austrália

REALIZOU-SE o desafio entre os distritos da Nova Gales do Sul e de Vitória, cabendo aos jogadores deste último um triunfo inesperado. Jack Bromwich (N.º 1), Adriano Quist (N.º 4) e Goff Brown (N.º 6) foram derrotados por tenistas desconhecidos.

Jack Crawford (N.º 5) e Harry Hopman (N.º 7), para não deixarem mal os seus colegas, saíram, também, eliminados na primeira volta do campeonato da Gales do Sul, o primeiro em 5 partidas e o último em 3, às mãos de adversários pouco cotados.

Entretanto, para a disputa da Taça Davis, em Melbourne, há já 130.000 pedidos de bilhetes e o dinheiro entrado em caixa atinge a cifra extraordinária de 260.000 libras (vinte e seis mil contos).

É verdade que, na Austrália, o ténis é o desporto favorito e o mais apreciado como espectáculo.

Vai publicar-se

o «Almanaque dos Desportos»

Apresentado por três distintos jornalistas desportivos, aparecerá brevemente à venda o «Almanaque dos Desportos», um magnífico livro com 300 páginas ilustradas, devendo inserir mapas completos sobre a marcha de todos as modalidades de 1946 para trás, história de todas as regiões nacionais no campo da Educação Física, campeonatos da Europa e do Mundo, etc.

Esta obra vai por certo causar extraordinária sensação.

Assinem a STADIUM

O capitão do Atlético! falca do seu team.



JOSÉ LOPES
aprumado capitão do Atlético

OUTRO capitão de um team de honra de um dos clubes que estão na lista dos mais categorizados da A. F. L. foi por nós convidado a dizer o que pensa dos jogadores do seu grupo.

José Lopes, que desde a época passada assume com agrado as funções de capitão do Atlético, foi o escolhido.

A nossa ideia despertou curiosidade, e já agora, prosseguimos nesta tarefa, satisfazendo o pedido de leitores — pois que alguns nos escreveram — mostrando-se desejosos de saber também o que pensam dos seus colegas de equipa os outros capitães dos grupos de Lisboa.

— Dizer o que penso dos meus colegas de equipa! — e José Lopes fica por momentos silencioso.

E depois:

— Mas não é difícil, não senhor! Tenho de facto uma opinião formada acerca de cada um deles e essa apreciação posso fazê-la com a vontade. Por exemplo, começando por Correia, o guarda-redes, dir-lhe-ei que é dos jogadores que eu como capitão do grupo, tenho mais dificuldade em saber quando joga bem ou mal. E' de uma irregularidade a toda a prova. No entanto, Correia, quando reconhecer as suas qualidades, que, aliás, são bastantes, há-de ser um dos melhores guarda-redes portugueses.

Segue-se... Baptista, vulgarmente conhecido pelo *beck da morte* (1), é um defesa duro. Bom no jogo de cabeça e muito regular nas entradas — sempre a tempo. E' visto com maus olhos por muita gente da bola, mas no entanto posso afirmar que não é mal-intencionado. Apenas duro — característica que sempre lhe conheci.

A seu lado temos Castro — o defesa que — no dizer de alguns críticos — é o jogador mais rápido sobre a bola. Como o seu colega Baptista é um jogador duro e quando conseguir corrigir o bater de bola poderá por certo enfileirar ao lado dos melhores.

Os nossos leitores tinham razão. E' de facto curioso ouvir falar os capitães dos grupos de futebol dos seus colegas.

José Lopes continua apreciando. — No posto de médio-direito temos dois elementos que com frequência se rendem: Galinho e Rosário de características diferentes. Galinho

tem domínio de bola e excelente passe à frente. Rosário é dos médios direitos mais rápidos que conheço. Muito perfeito nos cruzamentos e de uma visão de jogo excelente.

Depois Moraes: verdadeiro tipo do jogador latino. Tem o coração muito perto da boca e por vezes com a sua boa vontade de ganhar os jogos consegue embaraçar não só os seus colegas como até os juizes de campo. Reconheço embora grandes qualidades e considero-o como sendo um jogador persistente e de bom toque de bola.

José Lopes vai-nos dando as suas opiniões pausadamente. No seu espírito vão passando, como num écran, os seus companheiros.

— E' a vez de me referir a um jogador sobejamente conhecido por todo o público desportivo, especialmente pelas suas grandes qualidades: Manuel da Costa.

Trata-se do «bombardeiro» n.º 1 do Atlético, pois que não se faz rogado quando é necessário com qualquer dos pés atrair às redes.

Entre nós era, como colega, desconhecido. Mas há um ano que vive no meio alcantarenses e, sem desprimor para qualquer companheiro, é tão bom como os que são bons.

E' vulgar em todas as equipas existir

enverga. Como bom desportista sente sempre as derrotas não deixando por isso de reconhecer a vitória do adversário.

Antes de se referir ao jogador que vinha a seguir, José Lopes tem um sorriso.

Marques, vulgo o «Padeirinho», é a alegria do nosso team, mesmo em tardes cinzentas.

E' dos jogadores mais curiosos que eu conheço. Sempre com boa disposição, rindo o cantando. Nos momentos mais difíceis é dos que sabem reagir e a boa vontade surge de novo.

Tem excelente domínio de bola, fintas desconcertantes e é possuidor de um pé esquerdo como poucos...

E' inteiramente do Atlético. Depois do clube, o seu pensamento constante está junto de sua mulher e dos seus filhos. Bom jogador, bom companheiro e excelente rapaz. Tem a simpatia de todo o team.

José Lopes tinha-se referido aos principais titulares do team de hora do Atlético. Mas o clube dispõe de reforços, sempre prontos à primeira voz. O capitão do Atlético não quer esquecer-los.

— Dos que por vezes são chamados ao primeiro team, temos: Oscar, Gomes (Calota), Franco, Diamantino e Ernesto. São jogadores competentes para preencher, nos respectivos lugares, as vagas do primeiro team. Ernesto, guarda-redes suplente, está até em forma excelente e creio que poderá alternar com Correia, sem receios...

Oscar tem alinhado várias vezes na categoria de honra, preenchendo satisfatoriamente o lugar que lhe destinam: jogador de largo futuro.

Dos restantes considero-os competentíssimos de alinhar na primeira categoria.

— Está então bem impressionado com os homens que comanda? Vejo que se deve coarctar cada vez mais com o Atlético!

— Absolutamente! Sempre lhe direi — manda a verdade e a justiça — que tudo o que nós sabemos o devemos em parte aos ensinamentos do nosso treinador Severiano Correia é competentíssimo. Estudioso e inteligente. Na minha larga vida de futebolista tenho conhecido vários treinadores, entre os quais alguns estrangeiros, mas nenhum me tem agradado tanto como Severiano.

— Que nos poderá dizer José Lopes de si mesmo?

— Que hei-de eu dizer de mim! Atrairado para médio-centro por necessidade urgente, julguei não poder preencher cabalmente o novo lugar que me destinavam, mas, depois dos primeiros jogos efectuados, notei que não era tão difícil como primeiro supunha. Tenho tentado agradar aos dirigentes do Atlético e ao treinador e creio que não estarão descontentes com o meu trabalho. E' um lugar difícil. Qualquer médio-centro o pode reconhecer, especialmente ao pensar-se o que é vermos dois ou tres adversários em contacto com a bola lançando-se na nossa direcção. Mas é dos lugares de que mais tenho gostado. Dispõe-se de mais visão do jogo e tem-se uma maior parcela de terreno para poderemos manobrar.

E' é tudo quanto se me oferece dizer-lhe, acerca dos rapazes que estão, mais do que nunca, dispostos a prestigiar o Atlético Clube de Portugal na maior das modalidades desportivas: o futebol.

Satisfeitos, José Lopes fizera um bom depoimento. Já agora, a série vai continuar. Vamos escolher o capitão que se segue.

FERNANDO SA'



José Lopes rodeado dos seus companheiros de equipa, discute e esclarece, em simpatia, coisas de jogo...

sempre boa camaradagem, mas Manuel da Costa já pôde notar que entre os elementos do Atlético ela é franca e sinceramente sã.

Temos depois Armindo. E' dos jogadores portugueses com melhor domínio de bola. Presentemente, encontra-se um pouco abaixo da sua forma, mas reconheço que se trata meramente de um caso moral. O remédio tem-no a massa associativa do clube. São os sócios do Atlético que podem levar Armindo a recuperar a sua antiga forma...

Agora a vez de um novo: Amaral. E' o mais moderno na equipa. Estreou-se no jogo contra o Benfica e deixou boa impressão. Jogador duro por natureza e rápido a caminho das redes. E' muito possível que o vejamos ainda a alinhar, novamente, no cixo do ataque do Atlético.

O capitão alcantarenses pára por momentos nas suas observações. Toma depois uma expressão mais séria quando se refere a Grégorio

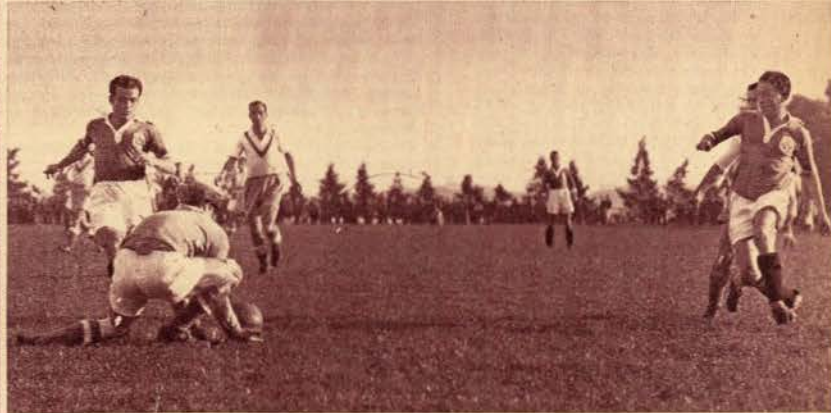
— Antigo médio-centro foi, por necessidade, colocado a avançado-centro e presentemente ocupa o lugar de interior-esquerdo, por não termos de momento quem ocupe tão ingrato lugar. Mas em qualquer deles, Grégorio, é sempre bom elemento. Deposito nele a minha maior confiança e é dos nossos jogadores o que dá menos descanço aos guarda-redes adversários, aproveitando todas as oportunidades, mas sempre com a máxima correcção e lealdade. E' dos que faz elevar mais o marcador a favor do seu clube, e é também o que mais sente a camisola que

O ATLETICO venceu na TARADINHA um grupo corajoso!



O guarda-redes do Cuf, Laranjeira, ergue os braços ao céu, implorando que a bola não lhe fuja... Os atléticos ainda estão esperançados!

Armando vai despachar a bola. A jogada de ataque do atlético gorou-se... desta vez!



Em cima — Uma defesa de Laranjeira, que, aliás, teve de parar bons remates. Ao lado — Um goal! O guarda-redes ainda se lançou... mas foi irremediavelmente batido



A taça «Cidade de Lisboa» oferecida pela Câmara Municipal, para ser disputada numa regata, em Dezembro próximo no Tejo



NA Associação Naval de Lisboa — o prestigioso clube de desportos nauticos — deu-se começo aos treinos dos seus remadores ao mesmo tempo que os principiantes na útil e saudável modalidade de remar iniciaram a sua preparação. Estes, são mais umas dezenas de rapazes que vão entrar em contacto com o mar, quer entusiasmando-se com as festas sempre emotivas de uma regata ou gozando o prazer de umas «viagens» ao longo do Tejo — os músculos fortalecendo-se com o manuseio do remo o corpo tonificando-se com o sol e o ar puro do mar.

Os novos remadores da Associação Naval entregaram-se com alegria aos primeiros ensinamentos técnicos do desporto do remo. Também eles, como todas as gerações que pelo clube tem passado, saíram, com o sportivismo absoluto — apanhado de todo o remador — dignificar aquela legenda que na lápide simples lhes diz: — «Pertencer à Associação Naval de Lisboa é uma honra».

Os primeiros ensinamentos são ministrados no tanque. Em frente dos remadores um espelho vertical dizendo os defeitos e nele, pouco a pouco, os principiantes vão vendo os seus progressos. Manuel Câmara da Costa — um dos auxiliares de instrução de remo do clube — ensina-lhes toda a técnica e entusiasmo-os — Vá, rapazes, aprender depressa que a não espera-os



Os principiantes mais adiantados nos seus conhecimentos vão sair pela primeira vez para o mar, em conjunto com remadores já feitos. Eis o primeiro embarque de um grupo de novos remadores da Associação Naval de Lisboa.

Os músculos já experimentaram a novidade. Dentro da doca dão-se as primeiras remadas

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

O primeiro sábado deste mês de Novembro caracterizou-se, principalmente, por alguns factos estatísticos: disputaram-se quarenta e quatro desafios para os vários campeonatos das Ligas, que foram presenciados por 935.724 espectadores; o clube Leicester venceu o Southampton, facto que não se registava desde 1922; o Tottenham Hotspurs conseguiu totalizar a undécima vitória consecutiva, empatando com Fulham, que, por sua vez, ainda não perdeu um único desafio em casa.

Na 1.ª Liga, prossegue à cabeça da classificação o Blackpool, com 21 pontos, 3 derrotas e 1 empate (14 jogos), tendo ganho ao Chelsea por uma bola a zero; em seguida vem o Liverpool, com 18 pontos, 2 derrotas e 4 empates (13 jogos), que empatou com Blackburn Rovers sem tentos. Atrás seguem o Wolverhampton, derrotado por Middlesbrough, com 17 pontos em 14 jogos, e este último clube com igual pontuação e apenas com 12 desafios.

O Charlton sofreu pesado revés perdendo por 5-2 com Huddersfield, o último classificado da primeira Liga! Arsenal, outro clube londrino, continua a colecionar derrotas no seu campo de Highbury. Desta vez teve azar. O Sheffield United, que o venceu por 3-2, ficou a dever um dos tentos a Leslie Compton, médico-centro dos «encarnados».

Assistiram ao match dois antigos jogadores, cujos nomes famosos ainda ecoam pelo ar: Alex James e David Jack.

Na 2.ª Liga, o Barnsley, guarda-avançada do grupo, perdeu por 3-1 com o Luton Town e agora vai a duo com o Burnley, ambos com 18 pontos, mas o segundo tem um jogo a menos (13).

Registe-se a pesada derrota do West Bronich Albion, que seguia em terceira posição e desceu para sexto lugar, infligida pelo Manchester City com 5 tentos a zero.

Newcastle ganhou fora de casa, por 2-0, a West Ham United, passando ao terceiro lugar com 17 pontos, bem como o Tottenham Hotspur, que figura em quarto com igual número de pontos.

Na 3.ª Liga (Norte) Doncaster mantém-se adiante de Chester com um ponto de diferença e igual número de desafios, mas a série de vitórias quebrou-se, consentindo um empate com Darlington. O segundo nomeado pressegue triunfalmente e totalizou o oitavo triunfo consecutivo!

Cardiff City e Bristol City vão lado a lado com 21 pontos, na 3.ª Liga (Sul), mas Bristol, com uma única derrota em 13 jogos, tem melhor cadastro.

Queen's Park segue-os com dois

NOTA DA SEMANA

As agências telegráficas espalharam a notícia de haver succumbido no «ring», vitimado por um golpe ao tronco, o pugilista norte-americano Bobby Burton.

Mais outro, a juntar à lista de casos fatais produzidos nos Estados- Unidos desde Janeiro até ao presente e cuja totalidade é superior à média anual dos últimos vinte e cinco anos.

Lee Perry e Dave Mason, — dois negros — Jack Von, Dixon Walker — um amador — Nat, Hines, etc, tudo homens de relevo na esgrima dos punhos, precederam, na senda do infortúnio, a última vítima. A maioria succumbiu a derrames cerebrais, prelúdio da terrível encefalite traumática que reduz o equilíbrio, provoca ataxia dos membros, causa um tremor intencional das mãos, etc. Outros, atingidos por um mal cardíaco de que não suspeitavam nem tinha sido revelado em tempo conveniente, tombaram fulminados para sempre.

Burton era um peso meio-médio de excelente reputação. Já pouco fora-lhe retirada a licença de combater no Estado de Nova York, pela inspecção médica da Comissão Atlética, devido ao mau estado do seu coração. Aceitou, apesar de tudo, subir ao «ring» em Providence (Nova Jersey) para enfrontar outro Bobby Burton, que, apesar da homonimidade, não lhe era nem sequer parente. A batalha foi violenta e despida de cautelas. Em dado momento, Burton levou um golpe no tronco e caiu desamparadamente sobre a lona.

Levado para o vestiário, e socorrido pelo médico de serviço, nada se lhe pôde fazer para o reanimar.

Este caso, e muitos outros semelhantes, constituem um aviso sério que os pugilistas portugueses não devem desprezar. Os riscos por que correm dentro cordas da arena são maiores e mais graves que se pensa, sobretudo se o pugilista, mesmo de perfeita saúde, deixou de preparar melódicamente o organismo para a prova que vai disputar.

Os cardíacos estão fora de causa, pois lhes é vedada a prática do boxe mesmo em desafios amigáveis, mas só uma vigilância médica aturada e rigorosa pode diminuir os riscos que a inconsciência e a necessidade pecuniária bastantes vezes provocam e que tanto contribui para o descrédito do boxe como desporto.

R. B.

RUGBY

EM INGLATERRA

PROSSEGUE com animação o campeonato da Liga, salientando-se a vitória brilhante de Bristol, no terreno de Twickenham, sobre os invictos Harlequins, por 14 pontos a zero, e a não menos sensacional de Lancashire sobre Cheshire, em Birkenhead Park, por 30 pontos a 3.

pontos a menos e, também, com uma só derrota no activo.

Além do campeonato das Divisões da Liga, desenrolaram-se alguns desafios amigáveis entre o team sueco Norrköping e vários clubes britânicos. Primeiramente, o Charlton perdeu por 3-2; em seguida Sheffield United levou 5-2 e agora Newcastle saiu derrotado.

O grupo visitante é excelente, executando o passe rasteiro, curto, de grande precisão e controlando a bola com mestria.

Os suecos, longe de valerem o Dynamo de Moscovo, são excelentes praticantes, mas deve atribuir-se ao declínio actual do futebol britânico grande parte do êxito dos atletas nórdicos.

ATLETISMO

Um novo recorde das 300 jardas

NOTICIAM de Capetown que Denis Shore, considerado o maior atleta sul-africano actual, correu, na noite de 30 de Outubro, 300 jardas planas em 29,9 segundos, batendo o máximo mundial, que pertence ao húngaro José Kovacs, com 30 segundos.

Shore possui alguns recordes sul-africanos, em particular o das 440 jardas, que transpôs no excelente tempo de 47 segundos.

A distância agora vencida não figura na tabela internacional como distância clássica e olímpica.

BOXE

NA AMÉRICA

O campeão chileno Arturo Godoy, antigo adversário de Joe Louis, que derrotou por duas vezes, foi agora batido por pontos, em Buffalo (Nova York), às mãos de Joe Muscato. Era este o 13.º combate do sul-americano e foi a sua primeira derrota por pontos desde que retomou a actividade nos Estados- Unidos.

FRED MILLS perde em Londres com JOE BAKSI

O peso-pesado americano Joe Baksi e o campeão de Inglaterra dos semi-pesados Fred Mills combateram em Londres, ganhando o primeiro por abandono do adversário ao 6.º assalto.

No intervalo entre o sexto e o sétimo períodos viu-se o árbitro caminhar para o «canto» do inglês e inspecionar-lhe as feições.

A inferioridade física de Mills era manifesta; o olho esquerdo cerrara-se quase por completo e o direito ia na mesma. Baksi não apresentava sinais de luta, tendo esgrimido por forma impecável e batido de modo magnífico. A vantagem pontual alcançada pelo americano não deixara dúvidas acerca da sua superioridade, que uma grande desproporção física entre si e o adversário — quase doze quilos — acentuava ainda mais.

E dizer que Baksi «aceitou» Guédes como adversário!

AUTOMÓBILISMO

O Grã-Prémio

«Peña-Rhin»

ESTA magnífica corrida de automóveis terminou com a vitória do corredor italiano Pelassa, conduzindo uma viatura de 1.500 c.c. «Maserati» à velocidade média de 128,423 kms/hora.

A volta mais rápida do circuito coube a outro italiano, Villoresi, com 147,451, e o melhor espanhol,

Paig Palau, classificou-se em 3.º lugar.

Em segundo ficou Ciro Besadonna (Ita.) em «Maserati». O italiano Villoresi abandonou por avarias no carro antes da volta 65.ª.

O circuito de Pedralbes, utilizado para pista da prova, tem 357,160 quilómetros, que foram percorridos em 2 h. 46 m. 52 s. pelo vencedor.

Tazio Nuvolari, Sommer e outros volantes inscritos não alinharam à partida.

Stadium

Há resposta para tudo...

P. 443 — Quando assistia a um desafio de futebol fui surpreendido pela validação dum goal obtido do seguinte modo: estando o guarda-redes batido, isto é, driblado, o avançado contrário rematou, indo a bola à figura dum back, que se encontrava nas redes, e a segurou.

Analisando o livro «Futebol» de Ribeiro dos Reis verifiquei que o árbitro deve proceder de maneira que os infractores não possam beneficiar das suas infracções. Quem seria o infractor? O back que sem querer lhe tocou com as mãos ou o avançado contrário que rematou contra as mesmas.

Queira dizer-me se o árbitro devia marcar ponto ou se devia marcar penalty, pois a bola não ultrapassou a linha de goal e foi esta que procurou o back e não o back a bola?

(De um desportista que o sabe ser).

R. 443 — Só se conta ponto quando a bola ultrapassa por completo a chamada linha de goal, quer sobre o terreno ou no ar. Não tendo, portanto, a bola ultrapassado essa linha, deve aplicar-se o castigo denominado penalty, por virtude da localização.

Aceitando, mesmo, ter o avançado chutado para as mãos (!) do defesa, é evidente que nada proibia que o fizesse, não devendo aplicar-se o castigo de mão ao defesa, visto ele não ter, em boa verdade, praticado falta alguma. Mas o defesa — diz o Sr. — segura a bola, e é nítida aqui a intenção. Houve a falta, e a grande penalidade será bem aplicada. O princípio de que os infractores não podem beneficiar das suas infracções não tem cabimento na hipótese formulada.

P. 444 — Não acha que algumas legendas da sua Revista não correspondem às fotos, ou, pelo menos, que os nomes de vários jogadores estão errados? (De um adepto da bola, do Montijo).

R. 444 — Uma vez por outras — assim sucede. Mas o senhor não estranharia se conhecesse o processo da rotogravura, obrigando-nos a fazer legendas sobre dispositivos, e não em fotografias. Ora, se mesmo em fotos, é, por vezes, difícil reconhecer os jogadores, calcule os tormentos que passamos!

P. 445 — Por que razão, sendo o Sporting um dos melhores grupos nacionais, não ganha um desafio ao Belenenses? Ora, neste caso, já não podemos averbar a categoria acima referida ao dito Sporting, porque, se ele ganha a todos e não ganha a um, evidentemente que nunca tem aspirações ao 1.º lugar de qualquer campeonato... Com o Benfica, por exemplo, já não sucede nada disto. Por conseguinte, já não considero o Sporting um dos melhores. Não acha que tenho razão? (De Francisco Pereira das Neves, de Avintes, Gaia).

R. 445 — Consulte a lista dos campeonatos distritais, nacionais e da Taça de Portugal. Lucrará com isso.

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CONTA-GOTAS

O jornalista espanhol José Maria Ubeda distingue entre duas qualidades de velocidade do jogador de futebol: uma, absoluta, que tem expoente no sprint em busca da bola; e outra, relativa, cuja essência reside na rapidez de concepção e execução de jogada. Ubeda conclui: O jogador mais rápido de todos é Ipiña.

A lese do técnico espanhol é curioso. Algumas vezes nos tem parecido, igualmente, que os jogadores lidos como lentos são os mais rápidos; e que aqueles aparentemente mais rápidos são os os mais lentos. Talvez ilusão de óptica!

Os sistemas de marcação estão a ser debalidos em França. Defendem-nos quase todos os jornalistas, mas há ainda uma ou outra voz discordante.

O conhecido Maurice Pefferkorn começa, assim, um artigo sobre o assunto:

«O que caracteriza o futebol moderno é a ordem e o método que ele infiltra nas equipas». Santas palavras!

O Marítimo, o antigo clube funchalense, continua a defender galhardamente as suas tradições de equipa valorosa e n.º 1. Ainda há dias venceu brilhantemente a Taça Curaçao, num interessante sistema de disputa.

Só compreende a força do Marítimo quem um dia lá esteve, verificando o seguinte: poderá o Marítimo não dispor de grandes fundos, mas ninguém dispõe de mais entusiasmos e dedicações... Isso o distingue de todos os outros!

A Federação de Futebol distribuiu o Regulamento do Campeonato Nacional (Primeira e segunda Divisões), que, nas suas linhas gerais, é semelhante ao da época passada.

A experiência da Segunda Divisão na fase final mantém-se, sinal evidente de que se caminha para alguma coisa de novo!

Está completo o Conselho Técnico da Federação com a entrada do dr. Amadeu Rodrigues, nosso colega coimbrão.

Trata-se de um elemento competente e dedicado, que tem dado grande parte da sua actividade e inteligência ao futebol. Escolha justa e merecida! Por essa nomeação gerar incompatibilidade, o sr. dr. Amadeu Rodrigues abandonará as funções de presidente da Comissão de Arbitros de Coimbra — que tão zelosamente serviu!

A IDEIA DOS JUNIORES

TRIUNFOU EM TODA A LINHA!

A ideia dos juniores triunfou em toda a linha! Cada Associação Distrital vem dedicando aos campeonatos da categoria o mais desvelado interesse, e os clubes correspondem inteiramente. Todos eles, dos mais importantes aos mais modestos, organizam com ênfase e os maiores cuidados as suas formações de juniores, e alguns deles vão ao ponto de terem várias equipas em actividade. Os treinadores dão-se também com verdadeiro carinho ao treino e preparação dos juniores e à organização dos onze respectivos.

Este belo movimento a favor da referida categoria resulta não só do convencimento da sua grande utilidade mas ainda do proveito já colhido. Desde que se puseram em laboração as fábricas de juniores, descobrirem-se jogadores de futuro, e muitos deles subiram com notável aproveitamento aos teams superiores. Há, mesmo, casos de ascensão ao grupo de honra.

Trinha-se perdido um pouco o tradição de fazer jogadores dentro das colectividades, e rareavam os elementos de cepa clubista. Voltou-se agora à faina e os resultados não se fizeram esperar. É certo que os clubes buscam ainda, em cada final de época, fora do seu âmbito, o remédio para os males de que enfermam os conjuntos. Assim continuará a suceder durante muito tempo ainda, mas essa prática irá diminuindo aos poucos, à medida que se intensifique a formação de jogadores. Todos os clubes preferirão decerto a prata da casa a elementos estranhos.

Clubes modestos estão empenhados na formação de elementos. Parece-nos curioso ocnular que, mesmo na Província, surgem teams de juniores por toda a parte, e os dirigentes dão-se prazentemente a sacrifícios para manter essas equipas.

A Federação de Futebol compete ordenar todos os esforços e boas-vontades no sentido de a ideia dos juniores florescer o mais possível. Sabemos que tal é o pensamento dos dirigentes federalivos, e importa que haja várias competições de forma a manter em actividade esses rapazes durante largos meses da temporada. Aqueles clubes que não dispõem de receitas para o fim em vista deviam ser auxiliados, mesmo economicamente. E não será descabido falar-se na ajuda técnica. Para tanto, facultar treinadores aos clubes que o requererem. Estamos convencidos que ninguém se negaria a uma tarefa dessa natureza. Eis uma ideia como outra qualquer...

CORRE QUE...

A questão dos «impostos» continua a preocupar seriamente os clubes desportivos. Numa das últimas jornadas sucedeu o seguinte nos Campeonatos de Coimbra: o Anadia e o Lusitânia, nada recebendo, nada pagaram, cada um, 91\$60; o Fontela e o Sporting tiveram de pagar 250\$35; o Nacional recebeu, em Cantanhede, 9\$20, e o Marialvas 19\$30. Significativo! Afinal, tudo isto é provocado por má interpretação da lei!

Foi nomeado presidente honorário do União, da Madeira, o sr. dr. Elmano Vieira, dirigente de preponderância naquela terra; e sócios honorários, os srs. dr. Alfredo Maria Rodrigues e Carlos Correia, jornalista de «A Bola».

Para vice-presidente da Associação de Coimbra foram apresentados os seguintes nomes. Pelo União: Luciano Marques dos Santos e António Misarela. Pela Académica:

dr. Amorim Afonso. Pelo Sport: dr. Albano Cunha. Nada feito!

O prestigioso dirigente Jorge Vieira continuará esta época a desempenhar as funções de treinador dos «teams» de futebol do Grupo Desportivo da Casa H. Vaultier.

Há em Elvas uma questão pendente entre o Sport Lisboa e Elvas e o treinador Carlos Alves que urge resolver. A Direcção Geral tomou conta do caso.

Os próprios bilhetes que o adepto compra para os desafios normais vão ser o ponto de partida para a compra dos bilhetes em desafios internacionais.

Está em Lisboa um treinador inglês de futebol, que, no gozo das suas férias, se dedica a trabalhos de desenho e pintura.

Tantos são os desafios que, a Comissão de Arbitros de Lisboa encontra sérias dificuldades na nomeação de juizes de campo!

A DEFESA do BELENENSES ganhou o desafio do Lumiar A



Feliciano e um jogador do Sporting em luta! Segundo parece, Feliciano venceu, pelo menos, neste lance. O defesa internacional melhora!



Uma jogada perigosa em frente de Capela. Mas uma vez a defesa dominou o ataque!



Um belenense no meio de dois leões...



É preciso, por vezes, não deixar prosseguir a jogada — de qualquer maneira...

No Lumiar A, ambas as equipas empenharam-se encarnadamente na luta. Esta fase dá ideia da energia dos jogadores...



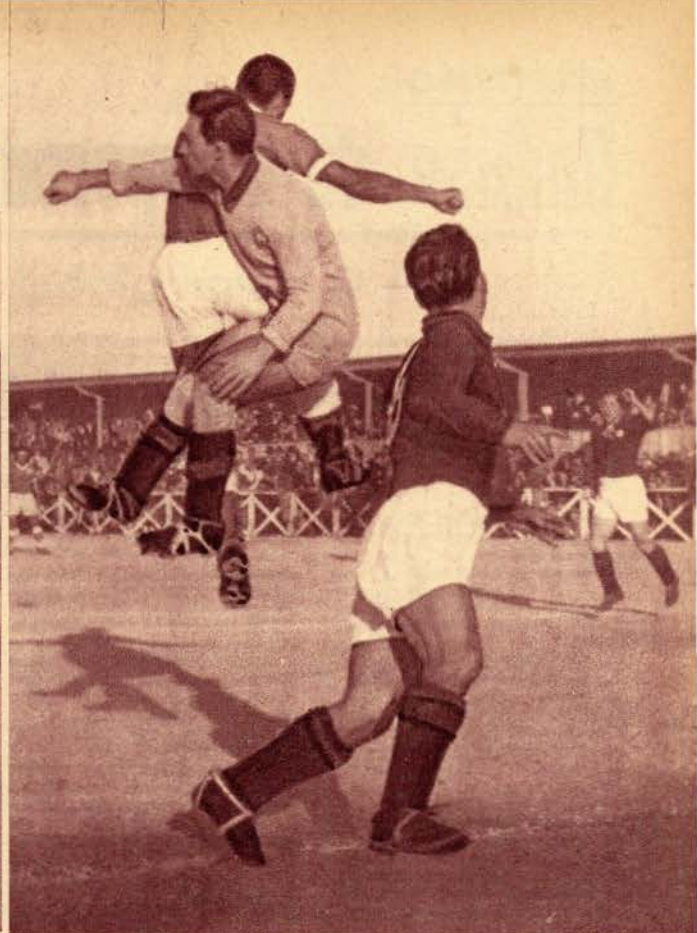
Dois jogadores, um de cada lado, disputam correctamente a bola



*A vitória do BENFICA
em MARVILA teve o ar
mais natural deste mundo*



Jogada confusa: Júlio e Carlos Costa disputaram a bola, o centro-avancado de posse do esférico, desenvolvido um bom golpe. De resto, Júlio jogou muito bem contra o Oriental! Arsénio observa...



Apesar do guardarede do Oriental, Fernando, ter dado um bom salto, o atacante do Benfica ainda saltou mais alto! Os outros jogadores parecem interessados na luta...



Um lance de defesa curioso! Observe-se atentamente o que fazem os dois jogadores!



Uma defesa do keeper do Oriental! Bola tirada no momento preciso!

Análise da temporada de 1946

IX — O valor global do ano

A revisão de todos os elementos que reanimo nos artigos precedentes desta breve análise, mostra-nos a temporada finda em plano aproximadamente nivelado com a anterior, e com isso nos devemos dar já por relativamente satisfeitos.

O ano de 1945, por circunstâncias várias que então apontámos e de entre as quais se destacava a influência favorável de uma invulgar acumulação de concursos de organização particular, fora de extraordinário progresso, aquele onde as médias dos melhores resultados atingiram valores limites no história do atletismo português.

Em semelhantes condições, é difícil, quase impossível, manter no ano imediato o mesmo ritmo ascensional. A uma época de grande progresso sucede, por norma e na melhor das hipóteses, uma outra de confirmação, de repouso para novo impulso. Assim, devemos considerar já com optimismo o facto de não ter havido baixa de média em 1946 relativamente à temporada a que se precedeu.

Tomando a média, pela pontuação finlandesa, aos cinco melhores resultados em cada uma das dezasseis provas do programa oficial de seniores e, para melhor expressão da verdade, não entrando em conta com as marcas anormais da primeira jornada do campeonato de Lisboa (vento tempestuoso favorável no Estádio Nacional), obtêm-se os seguintes números, que dispensam comentários:

1945: corridas, 750,3 p.; saltos, 723 p.; lançamentos, 575 p.; total, 701,6 p.

1946: corridas, 749,7 p.; saltos, 717 p.; lançamentos, 605 p.; total, 708 p.

Hoje, portanto, apreciável melhoria dos lançadores, equilíbrio em corridas e baixa sensível no grupo dos saltos; no entanto, a melhoria de uns compensa a baixa dos outros, pois a média geral sobe ainda 6,4 pontos.

Nesta lista dos cinco melhores resultados em cada prova, figuravam, em 1945, 21 marcas, valendo mais de 800 pontos; em 1946, este número desce para 18, mas em compensação as marcas correspondentes a menos de 600 pontos passam de 20 para 15.

Os resultados melhor pontuados na época finda foram os seguintes:

100 metros em 10,6 s. (Tomás Paquete), 966 p.

400 metros em 50 s. (Sampaio Peixoto), 874 p.

400 metros barreiras em 55,1 s. (Matos Fernandes), 898 p.

100 metros em 10,9 s. (Edgard Tamegão), 872 p.

5.000 metros em 15 m. 25 s. (Alonso Marques), 868 p.

10.000 metros em 32 m. 23,4 s. (Alonso Marques), 848 p.

1,ª85 em altura (Matos Fernandes), 846 p.

100 metros em 11 s. (M. Nâncic, Nuno Morais), 843 p.

1,ª84 em altura (António Cardoso), 854 p.

5.000 metros em 15 m. 35,7 s. (João Silva), 827 p.

Martelo, a 47,ª15 (Manuel da Silva), 825 p.

400 metros em 51 s. (Matos Fernandes), 818 p.

1.500 metros em 4 m. 9,2 s. (Francisco Bastos) 817 p.

200 metros em 25,5 s. (Sampaio Peixoto), 817 p.

10.000 metros em 32 m. 49 s. (João Silva), 812 p.

800 metros em 1 m. 59,4 s. (Francisco Bastos), 811 p.

Triplo-salto, 14,ª14 (Luis Alcide), 804 p.

Os doze atletas cujos nomes figuram neste rol, são aqueles que poderemos considerar, pelas

suas proezas, os elementos de categoria internacional do atletismo português.

Colectivamente, os núcleos principais de actividade continuam sendo os mesmos: Sporting e Benfica, em Lisboa; Académico e F. C. P., no Porto; o Académico em Braga e, no resto do país, lamentavelmente nada.

As equipas mais fortes foram as mesmas do ano anterior, mas a superioridade sobre os imediatos diminala, como se verifica pela relação dos títulos oficiais ganhos durante as temporadas de 1945 (número entre parênteses) e de 1946 por cada clube:

Sporting, 40 (64); Benfica, 35 (24); Académico, 24 (30); F. C. do Porto, 15 (16); Belenenses, 15 (8); Académico de Braga, 9 (10); Internacional, 3 (8); Almada, 3 (4); Vigorosa, 2 (1); Caf, 1 (0).

O número de organizações particulares, pelo facto da au-

sência dos festivais mistos de ciclismo e atletismo, diminuiu consideravelmente, limitando-se a dois programas por ocasião da partida e da chegada dos corredores da Volta a Portugal em Bicicleta, ao torneio promovido pelo Internacional e o outro de iniciativa do Sporting e que acumulou com os nacionais femininos.

Começando em 16 de Junho, com os campeonatos dos principiantes, a temporada clausurava-se em 1 de Setembro, com alguns domingos intermédios por aproveitamento. É excessivamente curto.

Podem alegar-nos que, mesmo assim, já é difícil conseguir a colaboração assídua dos melhores atletas, aos quais apenas parecem interessar as competições oficiais; mas, em contestação, pode propor-se o alargamento do programa oficial — e adiante alvitraremos uma forma de o fazer — ou a insistência na organização de concursos, que acabaria por convencer os atletas.

Para prolongamento da sua actividade oficial, a Federação poderia criar o campeonato inter-clubes, em moldes já uma vez empregados pela Associação de Lisboa; o interesse do público estava assegurado e mais ainda o empenho dos clubes.

Em próximo artigo estaremos o assunto.

Salazar Carreira

Comentarios

Vinte e oito anos

O Lisboa Ginásio Clube comemorou na passada semana o seu 28.º aniversário, o que lhe valeu justas demonstrações de apreço e provas formais de consideração em que são tidos, em todas as esferas do mundo do desporto, o seu esforço progressivo e a sua tarefa educativa.

Ocupando lugar de realce — a par das primeiras — na falange das colectividade consagradas em especial ao culto da ginástica (não diremos, como é comum ler-se, da educação física, por quanto nesta designação se incluiu por igual a ginástica e o desporto), o L. G. C. soube desenvolver-se e aperfeiçoar a sua actividade, mercê exclusivamente dos seus recursos, da dedicação dos dirigentes, do entusiasmo dos atletas, da competência dos professores e da solidariedade da massa associativa. É um exemplo a citar, e a imitar.

Falando no jantar de festa de anos ginásista, o director de «Mundo Desportivo», nosso amigo Raul de Oliveira, referiu-se ao congresso dos clubes de ginástica — assunto a que há oito dias consagramos alguns comentários — e afirmou que só não se realizaria se o desinteresse das agremiações interessadas malhasse a iniciativa dos organizadores.

Há afirmações que só são cri-

veis pelo aval de quem as pronuncia; como supor que poderiam ser os próprios beneficiários quem contrariasse um empreendimento do qual muito teriam a lucrar, e mais ninguém do que eles lucraria?

Confiamos em que assim não suceda e que este aniversário de um dos mais sólidos baluartes da educação física possa ter fornecido a oportunidade de um novo estímulo, o decisivo para fortalecer o ânimo dos promotores, despertar indiferenças e arredar pruridos despropositados, falsas prerrogativas e outras erradas fórmulas de compreensão do dever colectivo, as quais são sempre o embaraço que surge ante todos os projectos firmados em ideias novas ou guiados para novos fins.

Ano de festa grande

CONTINUEMOS a falar de aniversários e comemorações para saudar com entusiástico júbilo o programa desportivo anunciado pela Câmara Municipal de Lisboa para o ano próximo, durante o período destinado pela edilidade aos festejos evocativos do oitavo centenário da tomada de Lisboa aos mouros.

Além dos jogos internacionais de futebol com a Inglaterra e a Suécia, está assegurada a organização do campeonato mundial

de hóquei em patins e diligenciam neste momento, em Bruxelas, os delegados portugueses ao Congresso da Federação Internacional de Esgrima trazer também para a nossa capital os respectivos campeonatos máximos.

Não foi ainda precisada a forma de colaboração de outras modalidades desportivas, para as quais, parece, serão reservadas três dalus; é muito provável que o andebol seja um dos contemplados, provavelmente com a organização do jogo Lisboa-Barcelona, que deve merecer aprovação aos altos poderes desportivos do país vizinho.

O atletismo com certeza não será esquecido, mas para isso é indispensável que a Federação saia do seu soberano isolamento e tente uma imediata diligência. Assegurado o encontro com os espanhóis, bem seria aproveitada a oportunidade para trazer ali nós outra seleção nacional, por exemplo a da Bélgica ou da França, que já na época passada manifestaram o desejo de nos visitar.

Seja qual for o programa estabelecido em definitivo, estão de parabéns os desportistas lisboenses, que assistirão, graças à iniciativa da sua municipalidade, ao mais sensacional conjunto de manifestações internacionais de que há memória nos anais do desporto português.

Condições de assinatura

Custo por número, . . .	2\$00
3 meses, Esc.	26\$00
6 » »	52\$00
12 » »	104\$00

O super-“team” britânico

LONDRES — Novembro de 1946. (especial para «Stadium», por FERNANDO MENDES)

É evidente a nossa dificuldade em «dizer tudo» quanto se passa sobre o desporto em Inglaterra. Teremos de apontar, hoje, um caso, amanhã outro, escolhendo os de mais categoria, a fim de esclarecer o melhor possível os leitores da nossa Revista. E valendo-nos um tanto do conhecimento que temos dos assuntos desportivos portugueses para os comparar naquilo que tiver... comparação. Uma pincelada ligeira sobre vários jogos a que vá assistindo em Londres, embora não constituam novidade, podem pelo menos levar até o nosso país uma ideia «pessoal» do valor e importância de alguns desportos e seus participantes, evitando-se a transcrição inevitável e natural dos jornais ingleses.

Será, possivelmente, o único mérito destas cartas remetidas de Londres. Só por isso, deve perdurar-se qualquer atraso, que, em todo o caso, procuraremos evitar.

Abordaremos agora, antes de mais nada, o assunto que mais preocupa os técnicos e jornalistas ingleses: a constituição do *super-team* britânico.

Não há dúvida que o futebol britânico está a preparar-se para o seu maior exame. Seleccionadores de cada um dos quatro países que constituem a Grã-Bretanha (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte) começaram em breve a eliminar alguns dos famosos jogadores antes de escolher o *team* da Grã-Bretanha que jogará contra uma selecção do Continente da Europa num dos maiores jogos internacionais a disputar no campo de Hampden Park, em Glasgow, no dia 10 de Maio de 1947. Não é tarefa fácil. É um jogo que a Grã-Bretanha tem que vencer! E não é ocasião para decisões apressadas ou expe-

riências. Ingleses, irlandeses, escoceses e galeses — todos tem o fito na melhor representação do seu país. Os correspondentes desportivos entregam-se à tarefa de sugerir linhas da sua lapso, e eis uma que mais aplausos recebe: Sidlow (Liverpool e País de Gales), Frank Swift (Manchester City e Inglaterra), Shaw (Hibs e Escócia), Hardwick (Middlesbrough e Inglaterra), Burgess (Tottenham e País de Gales), Vernon (Belfast Celtic Irlanda), Wright (Wolves e Inglaterra), Waddell (Glasgow Rangers e Escócia), Carter (Derby e Inglaterra), Thornton (Glasgow Rangers e Escócia), Tommy Lawton (Chelsea e Inglaterra), Byn Jones (Arsenal e País de Gales) e Banks (Sunderland). Não deixando de facilitar a missão dos Seleccionadores.

É interessante notar este facto: Se me não engano, neste *team* monstro não aparece um único dos internacionais que se exibiu em Lisboa, pelo R. A. F. Os recargos da Grã-Bretanha quanto a futebolistas são muito grandes, pois nem Matthews, nem Smith, nem Scott e outros foram até «recordados»!

A carreira do «Wolves» e a posição de Matthews no «team» de Inglaterra

O Wolves está a fazer uma boa prova. Obtiveram a sua sétima vitória sucessiva, e, desta vez, em Stoke, onde é sempre difícil os visitantes ganharem. O Wolves ganhou por 3-0 ao Stoke City, o *team* de Matthews, que ainda não jogou neste desfilio. Depois de uma ausência de 8 semanas, reapareceu no sábado, 2 de Novembro, contra o Sunderland, em Sunderland. O Stoke venceu por 1-0, caso inédito!

Por motivo da grande ausência

de «Stan», os seleccionadores do *team* de Inglaterra, que se reuniram para escolher o *team* que há-de defrontar o País de Gales em Main Road, Manchester, no dia 13 do corrente, provavelmente seguem o exemplo de Stoke City, deixando o célebre jogador fora do *team* da Inglaterra. Depois de 8 semanas ausente dos campos de futebol, julgamos não poder avaliar a forma actual de Matthews. Aguardemos, porém. Há nomes que são indispensáveis. Em Inglaterra, como no grupo representativo de Portugal...

A visita do Norkopping, campeão da Suécia em futebol

A visita do Norkopping Futebol Clube, campeão da Suécia, que chegou a Inglaterra de avião, despertou interesse. Os saecos tiveram como adversários as equipas do Charlton, que os seus contreráneos lisboetas viram (e também) no Estádio Nacional contra o Benfica; o Wolves, o Sheffield United e o Newcastle United, da 2.ª Divisão da Liga Inglesa. Já se sabe que os saecos venceram o Charlton por 3-2, e agora o Sheffield United por 5-2.

Os jornais tecem os melhores

F. M.

elogios ao conjunto saeco. Quer isto dizer que algumas dores de cabeça virá a ter o seleccionador português Tavares da Silva. A Saécia joga futebol da melhor qualidade...

A «desgraça» do Arsenal e o fulgor de Lawton...

O desfilio Chelsea-Arsenal, a que assistimos, realizou-se perante a assistência de 56.500 pessoas e termina com a vitória do primeiro, por 2-1. O herói da tarde foi Tommy Lawton, que marcou os dois *goals* do Chelsea. A vitória foi merecida e se não fosse a brilhante exibição do guarda-redes do Arsenal, Swindin, o resultado teria sido mais expressivo. O ponto vitorioso foi marcado aos 5 minutos do fim da partida, sendo daqueles que surpreendem toda a gente, até o próprio «marcador»... Suficiente para avançar de Lawton, que, de posse da bola e acossado por Bernard Joy, entrou da ponta direita para a baliza, Swindin, surpreendido, deixou passar a bola por cima da cabeça, supondo que iria fora. A bola, porém, foi anichar-se no fundo das redes depois de duas tabelas secas no poste horizontal e lateral. O Arsenal, que nesta época não atingia ainda a forma dum grupo de gloriosas tradições, que é, foi um bom vencedor. Os outros *goals* do desfilio foram marcados, o primeiro, o do Chelsea, aos 4 minutos da primeira parte por Lawton, depois de um centro de Spence, o ponta direito, e o do Arsenal aos 17 minutos da segunda parte, por Reg. Lewis, de cabeça, dando seguimento a um canto marcado pelo célebre O'Flanagan.

Um ressuscitado

ANUNCIARAM alguns jornais que morrera carbonizado num desastre de aviação o famoso pugilista francês Marcel Cerdan; trocaram-se em sua memória saudosos necrológicos, enaltecendo-lhe as virtudes desportivas e lamentando a crueldade do destino que precocemente ceifara a sua vida de campeão excepcional.

Felizmente para os admiradores do simpático jogador de socos, tudo isto não passou de negro pesadelo informativo, pois se sabe agora que Marcel Cerdan se salvou milagrosamente da traiçoeira emboscada da morte, adiando à última hora a viagem para a qual tinha lugar retido

no avião que se despenhou incendiado em Limoges.

Desconhecendo esta tardia resolução, uma agência noticiosa transmitiu ao mundo que Cerdan partira naquela aeronave e daí o ser incluído depois da catástrofe no número das vítimas.

Afinal, providencialmente, a própria morte hesitou em pôr K. O. o grande batalhador da arena.

Trouxe esta confusão uma consequência pouco vulgar: Marcel Cerdan pôde ler o seu próprio necrológico e conhecer por ele a verdade da opinião pública a seu respeito, aquela verdade que, aos homens a qualquer título célebres, só depois de desaparecerem da terra se concede.

Os três grandes da ginástica

(Continuação da página 1)

E mais o capitão Mário de Figueiredo, para esgrima; António Pereira, nome brilhante do desporto nacional, e Joaquim Barata, para a luta; e o veterano Domingos Miguel, para o portuguêsíssimo jogo do pau.

Que bela actividade vai ter este ano o glorioso Ateneu!

Observemos, por último, o Lisboa Ginásio Clube — o mais jovem dos «três grandes». A acção intensa, dedicação invulgar, ambiente familiar, unidade, espírito de iniciativa. Dirigentes de raras qualidades com o dinâmico Mário Rocha sempre na brecha.

E este ano, mais de 500 alunos, divididos por 26 classes! Para os alocar o L. G. C. es-falça-se; é mais uma sala, mais outra, uma escavação, uma parede derrubada, um palco que desaparece. E sempre o «colete de forças» da falta de espaço à manietá-lo...

É valoroso o corpo docente do clube. Basta ler os seus nomes: Celestino Marques Pereira, que dirige interinamente o Inef; seu irmão Alberto Marques Pereira;

Anibal Ramos, tão modesto como consciencioso; o sueco Curt Johansson, acerca do qual está tudo dito na sua própria obra; Moura e Sá, no clube feito atleta; Veiga Cardoso, o professor diligente da moderada — a classe dos «barrigudos» de mais de 30 anos... — Robalo Gouveia, ginasta de excepcional valor e professor de créditos já firmados, M.^{me} Ruth Ashwin... E o mestre Rogério Torres, de ginástica artística — os «voos!» —; Manuel Matos, de pugilismo; Domingos Miguel, de jogo do pau; Martins Correia, de esgrima; João Lourenço, de luta; António Gomes, de jiu-jitsu...

Ali, aos Anjos, a dois passos desta casa, trabalha-se!

Valoriza-se, dia a dia, a obra das três grandes colectividades. Ligando aos seus nomes os dos professores e mestres — a todos prestamos a homenagem que lhes é devida. A sua actividade não conhece limites. A sua dedicação merece os mais rasgados louvores. É tão agradável poder dizer bem!

M. M.



A famosa vedeta Célia Gomez recebeu a visita do popular Cantinflas no seu camarim do Teatro Alcazar. Junto de ambos o actor Ozores que na «Grande Festa» faz uma tão perfeita imitação do cómico mexicano que, se este não estivesse presente, caberia a pergunta que este actor fez numa cena da peça: Qual dos dois é Cantinflas? O autentico ou o seu imitador. O da esquerda ou o da direita?



Manolete toureou com Cantinflas num restaurante no México, e o popular mexicano, vestido como no cinema, brindou ao toureiro de Castoia, e ambos se abraçaram no meio da Praça e entre orações dos seus admiradores.

CANTINFLAS TOUREIRO!

MADRID, Outubro. — O mais popular cómico do cinema mexicano, o famoso Cantinflas, constituiu o acontecimento de várias semanas deste mês de Outubro na capital de Espanha, agora cheia de portugueses que já não são os que aqui vêm corridas de touros, mas sim os que compram tudo o que podem.

Mário Moreno, "Cantinflas", que Lisboa apenas viu num dos seus filmes, veio pela primeira vez a Espanha onde a figura que criou no cinema era já popular. E, de regresso de Cannes, passeou por Madrid entre tal entusiasmo que por toda a parte o perseguiram tão numerosos admiradores que foi necessário estabelecer serviço de policia, sobretudo à porta do hotel onde se alojava, tantos os coleccionadores de autógrafos que ali se aglomeravam. E esta crónica justifica-se na página de touros de "Stadium" porque Cantinflas, além de actor de cinema, é toureiro, cómico, bem entendido, como nos seus filmes.

Toureou com Manolete no México, e em Espanha foi-lhe agora feita por um empresário a oferta de meio milhão de pesetas por dez corridas, cinquenta mil por cada exibição, como Arruza, quase tanto como Manolete. E talvez aceite.

Amigo de toureiros, dos do seu país e dos espanhóis que ali foram, Mário Moreno visitou os seus compatriotas colhidos neste final de temporada, como Arruza e Cañitas — a quem em Madrid chamam tam-

bem Cantinflas — e, estando Manolete já no México, viu em especial o seu amigo Pepe Luiz Vazquez.

A propósito vem contar umas das partidas que este toureiro sevillano fez ao cómico mexicano, a quem consegue enganar com o seu ar inocente e apesar de Cantinflas ser inteligente, e tão lúcido homem de negócios que, além de producer cinematográfico, dirige outras espécies de negócios.

Foi o caso que Pepe Luiz contou a Cantinflas que em Espanha brindou a morte dum touro a Rundolf Churchill e que este, quando lhe entregou a "montera" lhe disse nada mais nem menos que "thank you".

— Calcula como eu fiquei! — disse Pepe Luiz ao surpreendido Cantinflas — Olhei-o muito sério, e limitei-me a responder-lhe:

"Está bem, mas isso não me dizia

o senhor no meu bairro de San Bernardo".

— Mas, não comprendes que Churchill não te quiz ofender — explicou o ingénua Cantinflas — e que "thank you" quiere dizer obrigado, "gracias". E, sendo assim, porque razão não te havia de dizer isso até no teu bairro de San Bernardo?

— Porquê? Essa agora! — rematou Pepe Luiz.

— Porque ali não o entendiam!

Só nesta altura percebeu a partida de Pepe Luiz o famoso Cantinflas que constituiu o grande acontecimento de várias semanas deste mês de Outubro na capital de Espanha, festejado por todos, perseguido pelos caçadores de autógrafos, e por um empresário tauromáquico...

"Cantinflas", que criou no cinema um tipo que pode ter sido inspirado no de Charlot — um pobre diabo com certas pretensões sociais e filosóficas, expressas na sua pobreza e atitudes — ao passá-lo da tela para o circo tauromáquico inspirou-se ainda em Charlot, mas no Charlot que, com Llapisera e tendo como empresário Eduardo Pagés, foi o percussor dos vários Charlots espanhóis, portugueses e mexicanos. Llapisera teria pensado imitar Max Linder, mas a sua alta estatura deformou o tipo do cómico.



Cantinflas foi objecto da curiosidade do público madrilenô que enche a Praça de -las Ventanas, de pé e em grande oração quando o cigano Albaicin brindou ao mexicano que constituiu o maior acontecimento da semana na capital de Espanha

El Terrible Pérez

O CAMPEONATO DA A. F. PORTO



No encontro Boavista-Leixões, o guarda-redes deste último clube põe termo a uma situação difícil!



Correia, defesa do Leixões, tentando desarmar Calado, do Boavista

- 1 — No desafio Porto-Académico, um defesa corta um ataque de Araujo, mas faz canto
- 2 — Sanfins em luta com um defesa do Académico

CAMPEONATO DA A. F. BRAGA



SPORTING DE BRAGA — SPORTING DE FAFE — Bernardo

SPORTING DE BRAGA — SPORTING DE FAFE — O guarda-redes de

EM Maio deste ano partiram para França, nomeados pelo Ministério da Guerra, para que estagiassem nas Escolas francesas de Saumur e Fontainebleau, os capitães de cavalaria Fernando Pais e Reymão Nogueira.

Tratou-se de uma medida tomada com o fim de aprimorar os grandes conhecimentos que os dois conhecidos cavaleiros já possuíam e que os haviam tornado elementos de destaque na cavalaria portuguesa.

Fernando Pais e Reymão Nogueira, qualquer deles concursista internacional que ao hipismo se consagraram com devotado entusiasmo há já bastantes anos, solicitaram, já em França, a autorização necessária para a compra de dois cavalos, autorização que lhes foi concedida pelo que começaram a ministrar às novas montadas as diversas fases do ensino.

Mais uma vez não foram desmentidas as tradições da nossa equitação segundo notícias que nos chegam de Fontainebleau onde acaba de realizar-se o Campeonato do Cavalo de Sela, prova difficilima em tudo semelhante ao nosso Campeonato de Cavalo de Guerra, anualmente disputado em Torres Novas. A competição é Nacional e assim apenas a ela podem concorrer cavaleiros franceses. No entanto, dada a permanência em Fontainebleau dos nossos dois oficiais, foi-lhes permitida a disputa da prova embora que a título extra oficial.

Não nos indica a noticia quais os cavalos que os dois portugueses utilizaram, mas tudo leva a crer que foram aproveitados aqueles que vinham ensinando.

O que se sabe, e dizemo-lo com absoluta satisfação, é que os capitães Fernando Pais e Reymão Nogueira se classificaram respectivamente em primeiro e segundo lugares a boa distância do primeiro francês proclamado vencedor do Campeonato.

É inútil, dada a natureza e importância da prova e



Capitão Reymão Nogueira

HIPISMO UMA BOA VITORIA PORTUGUESA em FRANÇA

ainda o elevado número de concorrentes, enaltecer o valor da vitória alcançada pelos nossos compatriotas mas deve, no entanto, afirmar-se que ela tem, sem dúvida, maior repercussão do que aquelas que tem sido obtidas noutras competições.

Quem conheça a dificuldade do nosso Campeonato melhor poderá avaliar a magnifica proeza dos nossos conhecidos concursistas que nos provaram os bons resultados que estão tirando no seu estágio nas Escolas francesas de Saumur e Fontainebleau.



Capitão Fernando Pais

O CANTINHO

do nosso leitor

A propósito de um assunto — treinadores de futebol — recebemos a seguinte carta assinada pelo Sr. José Júlio de Moraes e Almeida, de Vila Real de Trás-os-Montes.

Sr. Director de «Stadium» — Tendo lido, numa das secções do n.º 203 da conceituada revista que V. dirige, a afirmação de que existem poucos treinadores de futebol para as necessidades e procura dos clubes portugueses, venho apresentar a minha candidatura a esses lugares vagos dentro, claro está, de normas que defendam pelo menos o meu sustento material e garantam aos clubes plena honestidade do meu trabalho como preparador dos seus atletas.

Sou treinador há muitos anos já, em clubes modestos e outros de mediano renome, podendo citar, entre outros, o Sport Clube de Vila Real, Marvilense F. C., Amarante F. C., Desportivo dos Flamengos (Faial-Açores), etc. Frequentei, com razoável aproveitamento, o Curso de Aperfeiçoamento de Treinadores, organizado pela Federação, e o Curso de Treinadores de Atletismo criado pela Direcção Geral de Desportos; fui auxiliar de Augusto Silva na organização dos grupos de juniores do Estoril-Praia, onde então acumulava o encargo de chefe da Secretaria; joguei futebol no F. C. do Porto, Sporting Nacional de Coimbra, S. C. de Vila Real, e em Espanha, no Desportivo Estremenho de Badajoz, Bétis Balompié em Sevilha e na equipa representativa da Legião Estrangeira, que disputava o campeonato Mil tar do Marrocos Espanhol; fui secretário da Direcção da A. P. A. em 1928-29 e como atleta fui recordman do norte em 400 metros barreiras e várias vezes 2.º classificado nos Nacionais, tanto nesta prova como em salto em comprimento e triplo; fui nestes dois últimos anos vogal-suplente do conselho técnico da F. P. de Atletismo.

Sabemos tratar-se de uma pessoa competente e já com sobejas

provas dadas. Além de tudo, é um elemento dedicado e apaixonado pelo desporto. Isto é, capaz de se firmar em qualquer lugar. Estamos convencidos que os clubes necessitados de treinadores não deixarão de por-se em contacto com o nosso leitor e competente treinador de futebol.

Do Sr. A. M. de Assunção, de Lisboa, recebemos a carta que a seguir publicamos:

Sr. Director de «Stadium» — Aproveito o ensejo para o felicitar por ter feito uma Secção onde os seus leitores possam dizer de sua justiça.

Ora os desafios internacionais começam em Janeiro próximo, e já nesse mês teremos o Portugal-Espanha de futebol. Irá suceder mais uma vez o que de outras vezes tem sucedido?

Explicando melhor o que desejo dizer na minha. Eu sou adepto da bola, e tenho me visto em embaraços (mesmo recorrendo a amigos colocados no alto do futebol) para arranjar bilhetes para os matches internacionais.

Eu, que vou a todos os encontros do campeonato, não tenho bilhetes, e outros, que não vão ao futebol, aparecem com bilhetes. E' isto justo? Não acha que a situação dos habituais frequentadores dos campos de futebol devia ser devidamente acautelada? Defenda, sr. Director, este ponto de vista, e presta um bom serviço a todos que se encontram nestas circunstâncias.

Não se poderá negar razão ao sr. A. M. de Assunção. Devemos, mesmo, acrescentar que a Federação de Futebol, pensando do mesmo modo, resolveu adoptar um sistema de bilhetes para os desafios internacionais que acautela o direito dos habituais frequentadores da bola. Numa reunião que devia efectuar-se no sábado passado, era propósito da Federação esclarecer esse assunto. Mas a doença de um dos seus membros provocou o adiamento da reunião.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

XALREZ

O nosso Concurso Internacional de Problemas

(Continuação)

Os concorrentes

Portugal: 34 problemas, 15 compositores. 5 Menções Honoríficas e 5 recomendados.

J. G. Mariz Graça, 3; Dr. C. E. E. Leuterio de Almeida, 6; A. Pereira da Silva, 2; J. Castro e Melo, 4 (um de colaboração com A. Cunha Serra); Rui Nascimento, 3; J. Sotto Mayor Rego, 4; V. Santos, 2; J. Casimiro Vinagre, 1; Oscar Pires de Carvalho, 3; Raul Soares Nobre, 1; Marcelo Soares, 1; Fernando de Almeida, 2; Oscar Baptista, 1; João de Oliveira, 1.

Holanda: 28 problemas, 14 compositores, 3 prémios, 2 Menções e 4 recomendados.

P. Erkes, 3; Dr. A. M. Koldijk, 3; F. W. Nanning, 2; J. P. A. Seilberger, 2; J. Rietvelt, 1; P. ten Cate, 1; H. Jonke, 1; B. Postma, 2; F. de Vos, 2; Visserman, 1; B. Dalfsen, 1; J. Vleugels, 3; C. Goldschmeding, 2; J. Ebben, 4.

Espanha: 17 problemas, 11 compositores, 3 prémios, e 1 recomendada.

J. Ruiz Luque, 1; R. Llorens Mach, 1; Aygues Ponce, 1; A. F. Arguelles, 1; J. Breu, 3; Fernando Rebório, 2; Julio Pérís, 2; Romero Rios, 2; Cristóbal Carrió, 2; E. Puig Ambrós, 1; J. Garcia Llamas, 1.

França: 10 problemas, 6 compositores.

E. Pape, 3; E. Diard, 1; P. Dujardin, 3; M. Domain, 1; E. Ergo, 1; Monreal, 1.

Bélgica: 7 problemas, 4 compositores.

R. Gevers, 1; Georges Mathot, 3; A. Servais, 1; J. Nietnelt, 2.

Inglaterra: 2 problemas, 1 compositor.

Commins Mansfield.

Brasil: 1 problema. Dr. Monteiro da Silveira, Menção Honorosa.

Total: 99 problemas — 52 compositores, de sete nacionalidades.

O relatório

O Torneio constituiu um verdadeiro êxito, pelo que felicito a Revista «Stadium» e o director do Concurso, sr. Vasco C. Santos, ao qual agradeço o pronto envio de todas as composições, em diagramas uniformes e com acertadas notas, que muito me ajudaram na difícil tarefa de que me incumbira. Agora desejo unicamente, para completar o êxito, que este veredicto seja do agrado de todos os compositores que tomaram parte neste certame.

Num tema como este, tão explicado, é muito difícil fazer algo de novo, e portanto, para que o problema tenha alguma originalidade, há que combiná-lo com outros temas ou tornar o jogo secundário muito notável, o que foi, na verdade, o que fez a maioria dos compositores, e sobre esta base vou emitir o meu parecer.

Tendo consultado o eminente problemista inglês, Mr. C. S. Kipping, o continuador do arquivo de A. C. White, sobre as possíveis antecipações dos problemas que

seleccionei, verificaram-se as seguintes:

«Sem Lema III» (de Nietvelt, Bélgica), antecipado por A. Ellerman, «Good Companion», 1923. — 2Bb4-1R2P1C-T1PrIcbT-C4p2-3P3B 8-6D1-8. 1. Da2.

«Pans» (de J. Sotto Mayor Rego, Portugal), «Pan II» (idem), «Half-Pin II» (de Goldschmeding, Holanda), «Miguel» (de Cristóbal Carrió, Espanha) e «Sem Lema XI» (de C. Mansfield, Grã-Bretanha), todos antecipados também por A. Ellerman. «T. v. d. N. S. B.», 1919-1R2 C2-3P21-CPr2bbT-P1P1p2c-4P3-p2D4-2T5-1. 1. Ra7.

Também assinala algumas antecipações parciais, que carecem de importância.

Os nossos melhores agradecimentos a Mr. Kipping pela rapidez com que atendeu a nossa consulta.

Eliminaram-se ainda, até agora, os seguintes: Por dupla-solução: «Sensillo» (F. Rebório), 1. f4 e 1. C65; «Sem Lema V», 1. Cg-f4 e 1. C67 (J. Seilberger); «Sem Lema XII» (Dilfen) 1. Ba4 e 1. TxC+, «Beleme» (E. Pape) 1. Bb2 e 1. R-8 ou a6. Por insolubilidade: «Ling-Fus» (Júlio Pérís), (1... Bel) e «Lema B» (1... h5). Por não apresentar o tema exigido: «Dama» (G. Mathot) e «Sem Lema XVIII» (A. Servais), por apresentar só promoções de Cavalos, e «Tercer», (J. Vleugels) e «Europa» (P. Dujardin, França), em que uma das promoções é falsa porque não evita a ameaça.

No próximo número: Juízo crítico dos problemas premiados.

Notícias

de todos os desportos

A Associação Desportiva Sanjoanense agradeceu-nos, em amável officio, a publicação de seu emblema representativo. Desejamos ao importante Clube do distrito de Aveiro as maiores prapriedades.

♦ O Futebol Clube Barreirense enviou-nos um cartão de livre entrada no seu campo desportivo, dizendo que o faz no sentido de procurar manter as tradicionais relações de fraternidade que julga servirem de base às instituições desportivas.

♦ A direcção da Associação de Patinagem do Sul resolveu aplicar ao Clube Futebol Benfica a multa de Esc. 500000, pelo abandono do arvore, no 2.º tempo, no jogo realizado em 30 de Outubro com o Clube Desportivo de Paço de Arcos.

♦ A Associação de Basquetebol do Porto enviou-nos um livre trânsito para esta época, gentileza que agradecemos.

♦ A Associação Hoquei em Campo adiou o começo do Torneio de Abertura para 21 de Novembro.

O sorteio realiza-se a 19 próximo. Para a boa regularidade do expediente da Associação, os clubes devem apresentar as inscrições dos seus jogadores devidamente acompanhadas das fichas médicas e fotografias, o mais rápido possível. Está aberta a inscrição dos indivíduos que pretendam ser árbitros de Hoquei em Campo, e lembra-se aos clubes que devem apresentar, nos termos regulamentares, dois árbitros por cada categoria.

♦ A Federação de Futebol comunica: «Havendo toda a conveniência em que sejam fixadas as verbas de diárias a atribuir aos árbitros, que se deslocam das áreas das suas Comissões Distritais, devem as Associações indicar a esta Federação, com a máxima brevidade, qual a base em que devem assentar as referidas verbas.»



PAL

FAZ UMA BARBA DIFERENTE... PORQUE É UM GÉNERO DIFERENTE DE LÂMINA

O GUME É CONCAVO

AGENTE exclusivo em Portugal:

M. SILVA CARVALHO, LIMITADA

Rua dos Correiros, 174, 3.º — Telefone 3 0674

Já disseram os jornais, nas suas referências detalhadas, que o «Parque das Camélias», onde deveriam efectuar-se os jogos do América Clube, de Madrid, foi teatro de um desastre mais ou menos espectacular. As bancadas construídas para alojar grande número de pessoas que pretendiam assistir aos desfechos de basquetebol promovidos pelo simpático Sporting Clube de Vesco da Gama, não resistiram ao peso que tiveram de suportar, inopinadamente — e daí e queda de muitos desportistas, que tiveram de receber tratamento no Hospital de Santo António.

O facto merece referência. Mais uma vez se verificou, lamentavelmente, que as instalações portuenses deixam muito a desejar. Surpreende até que só agora se desse o acidente — embora lá se não esperasse no «Parque das Camélias»... Há no Porto campos de futebol incapazes de albergar público numeroso, e entre eles pode citar-se já o da Constituição, mas continuamos a utilizá-los descuidadamente.

Parece urgente visitar de novo os terrenos e os alojamentos destinados ao público.

O desastre do «Parque das Camélias» não teve proporções trágicas, mas pode constituir um aviso a ter em conta e a seguir, a fim de se evitarem complicações mais graves. Apenas o campo do Lima pode considerar-se livre de atrições, visto que as bancadas assentam em pilares fortes. Na Constituição, no Besse e no Salgueiros as bancadas são de madeira, frágeis e expostas à acção do tempo, e mais hoje mais amanhã não surpreende qualquer desmoronamento de estrôno.

No primeiro dos campos acima citados — o da Constituição — existe um corredor de camerotes armados no ar, e por baixo assiste sempre aos jogos numeroso público. Não dizemos que ameaça cair. Mas querer a direcção do F. C. do Porto, por exemplo, responsabilizar-se por qualquer desastre que surja? Não seria isso motivo de aborrecimento grande, tratando-se de uma colectividade popular, a primeira do Norte do país?

Merece toda a ponderação este assunto. Por mais uma vez nos referimos à falta de instalações capazes, na cidade do Porto. Já havíamos perdido a vontade, tal a série de dificuldades que se apresentam, mas o que se passou no «Parque das Camélias» resolveu-nos.

Evite-se um mal maior, enquanto é tempo, e aguarde-se com toda a paciência que surjam melhores dias...

Não pretendemos também lembrar que a responsabilidade do desastre do «Parque das Camélias» pertence a A ou B. Naturalmente a ninguém pertence. Estamos numa cidade desportiva, que deseja ver jogos, e nenhum emador se lembrou de qualquer possível desastre. O mal disto tudo, digam o que disserem, é a falta de instalações à altura da situação, e desse campo temos de sair para a análise serena e desapassionada dos factos.

Até quando continuaremos assim?

MOSAICOS nortenhos...

FOI dada a transferência do Estoril para o F. C. do Porto ao guarda-redes Joaquim Freire (Valongo), confirmando-se por isso a notícia aqui inserta há várias semanas. O excelente guarda-redes volta assim ao campo do Norte, de onde saiu para o clube da Costa do Sol, por altura de uma série de abandonos com o mesmo destino: Pereira, Pelrack e António Nunes...

O único que «regressou» à base foi Valongo, e confesse-se ser por acaso aquele que poderia interessar de momento ao popular agrupamento nortenho. Não quer isto dizer que o F. C. P. esteja mal servido com Berrigana. Nada disso. Berrigana, a despeito da classe de Valongo, não será facilmente destronado. A sua forma é magnífica. Mas um clube da classe do F. C. do Porto precisa de dois guarda-redes de «primeira categoria».

♦ A PROPÓSITO desta transferência, escreveu um distinto camarada que «seria melhor» trabalhar em profundidade, evitando-se e solicitando de jogadores estranhos. Estamos e não estamos de acordo. Explicaremos rapidamente o «porquê» da questão. Valongo é um jogador do Norte. Voulou, e isso deve alegrar-nos, tanto mais que «foi dispensado pelo F. C. P. há épocas». Estava livre. Ora, oxalá que os jogadores do Norte, pelo menos, regressassem às suas colectividades, onde são bem precisos. Então, poderíamos dispensar Francisco Ferrelle, Julinho, Pereira, Nunes, Armando e Arnaldo Carneiro, Henrique, Oliveira, Oscar e tantos outros que abandonaram as suas terras e os seus clubes?

Ao menos esses... prezado colega!

♦ O AMÉRICA, campeão de Madrid em basquetebol, jogou neste cidade contra o Vasco da Gama e F. C. do Porto. Perdeu ambos os encontros, por 40-18 e 34-26. Mais do que a superioridade nítida do basquetebol lusitano, importa referir a maneira indelicada como os madrilenos se comportaram na frente do Vasco da Gama.

Enfim — sempre leriam de deixar «nomes»...

O Vasco da Gama chegou a ter no campo a sua equipa «reserva» completa, e ao F. C. do Porto faltaram 3 dos seus melhores jogadores: Garcia, Romero e Veiga. A sua falta foi muito comentada, entretanto.

De notável, o facto de tanto no Lima como no campo do Fluvial se haver verificado grande afluência de público.

♦ UM LEITOR, em carta que nos é remediada de Lisboa, defende a seguinte linha para o F. C. do Porto: Berrigana; Ângelo e Guilher; Joaquim, Carvalho e Alfredo; Lourenço,

Aráujo, Correia Dias, Sanjins e Catolino. E diz: «Os dois defesas leriam como junção «marcador»: — Ângelo o extremo esquerdo e Vitor o avançado centro; os médios oariam; Joaquim pelo interior esquerdo, Carvalho pelo interior direito e Alfredo o extremo do mesmo lado».

De facto, o nosso leitor parece ter razão, importando apenas ver se Ângelo, um novo jogador vindo de Espinho, se adapta ao lugar. E Francisco, Camilo e Armando? Se qualquer dos defesas cumprir no marcação ao extremo esquerdo, não há dúvida alguma sobre as possibilidades de Joaquim e Carvalho a vigiar os interiores. Qualquer deles serve para «desfazer» e «construir», especialmente para «construir». Carvalho é lateral, mas se o colocarem a jogar sobre o interior direito, pouco abandona essa posição. Carvalho e Joaquim, portanto, são mais homens de ofensiva e assim ficariam, verdadeiramente, no seu posto. Como «defensores», parecem-nos mais fracos.

Alfredo, por sua vez, defese direito ou médio-esquerdo — «marca» um dos extremos. Ficaria por isso dentro do seu principal objectivo. O F. C. do Porto apresentava, neste caso, os três homens em linha: Ângelo (?), Guilher — Alfredo. De tudo, o que nos parece mais inteligente, na indicação de «Um leitor», é o desejo de colocar Joaquim e Carvalho no seu verdadeiro lugar de «transportadores». Não simplizam, vê-se, com o papel de «polícias», embora tivessem de vigiar os interiores contrários.

Quanto a Romão, de que não fala «Um leitor», parece-nos ser homem capaz de servir, em qualquer emergência. Talvez lhe faça bem um descenso. Romão não é mau jogador. A crítica nem sempre aparece benévola e, por isso, deverá o treinador fazer com que o solicitem. Às vezes acontece assim...

Agradecemos a lembrança de «Um leitor» — que pode continuar. Todos os amigos da Revista «Stadium» são bem recebidos.

♦ O STADE FRANÇAISE, segundo nos informam, deverá visitar esta cidade, e convite do F. C. do Porto.

Os portuenses já há muito tempo que não assistem a jogos com equipas estrangeiras. Antigamente, e com muita frequência, jogavam nos campos portuenses grupos de Espanha, Hungria, Brasil, Checoslováquia, etc. — e o público correspondeu sempre.

Logo, aguardemos agora que as negociações do F. C. do Porto sejam levadas a bom termo. O futebol francês tem categoria, e como em Lisboa jogará a selecção de Paris — valha-nos ao menos o Stade Français...

REVISTA DA SEMANA

FUTEBOL — A despeito de sua melhor boa vontade, o Académico não conseguiu manter-se no segundo posto da classificação geral — cedendo novamente o lugar ao Boavista. Todavia, embora a vitória do F. C. do Porto, por 3-1, possa considerar-se justa e certa, o conjunto do Lima confirmou a boa impressão dos jogos anteriores, tanto mais que a acção de Berrigana foi por vezes decisiva e brilhante.

Com este resultado, continue a dúvida «quase no mesmo pé». O Boavista, team mais apurado, como ainda no último número afirmamos, não deve perder o ponto de vantagem. Visitará o Salgueiros, adversário que «nem sempre» é fácil, mas a vitória está dentro das suas possibilidades. O Académico, por sua vez, tem de deslocar-se para Leixões, onde os triunfos são às vezes difíceis.

Não pode por enquanto dizer-se, porém, que o Boavista acompanhará o F. C. do Porto. A sua vantagem é muito pequena, embora se haja colocado, por via de sua vitória sobre o Leixões (4-2) e da derrota do Académico contra o Porto, em posição mais distinta e descansada.

Há, entretanto certo interesse do Salgueiros em jogar definitivamente ao último lugar. O Leça tem 13 e o clube dos encarnados 14 pontos... O que poderia acontecer? O Leça ganhar ao Porto, que já é campeão regional — mais uma vez! — e o Salgueiros, batido pelo Boavista, ver-se num repente forçado a tapar a entrada do campo do 2.º Divisão.

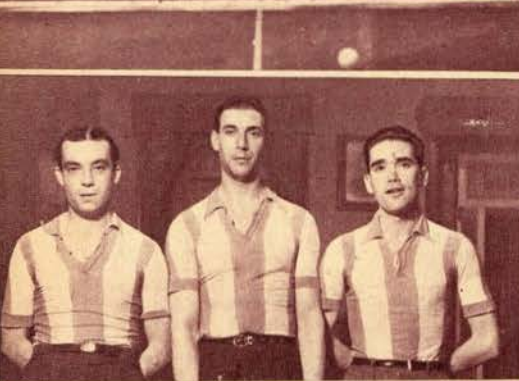
Logo, até ao lavar dos cestos é vindima. Pode e deve ser difícil uma vitória do Leça no Campo da Constituição, mas como o F. C. do Porto nem um só domingo deixou de fazer experiências — pode lembrar-se de alguma mais arriscada, uma vez livre de atrições para a posse do título.

Também o Leixões não assegurou ainda o 4.º lugar. De nenhum modo será último. O Leça, que venceu o Salgueiros por 4-1, ou o Salgueiros, na hipótese pouco provável, em nossa opinião, de ganhar ao Académico e deste vencer em Matosinhos, podem fazer alguma coisa nesse sentido. A última jornada do campeonato regional portuense, pelo que se vê, apenas dá tranquilidade ao F. C. do Porto.

HOQUEI EM CAMPO — Terceiro empate entre o Ramadense e o Académico (0-0) e despeito dos prolongamentos, para a Taça «Mário Dias», um troféu que promete estar no programa eternamente...

Os dois valorosos finalistas do campeonato de Portugal de época finda não cedem os seus direitos à vitória, e o caso começa a tornar-se deveras interessante.

Foi agora marcado para amanhã o quarto desafio — enquanto o F. C. do Porto espera...



No Monte Pedral Futebol Clube começou há dias a disputar-se a taça «luminante», em ping-pong, homenagem ao clube vencedor da Volta a Portugal. Publicamos, em cima, a equipa de Monte Pedral, e em baixo, a do Arrolos



VIDA desportiva



O team de andebol do Sporting, vencedor do Torneio de abertura



O Campeonato Corporativo de FUTEBOL

Comçou o Campeonato Nacional Corporativo de Futebol—1. Os teams da Fabrica «Moscote» e das Oficinas Gerais de Material de Engenharia; 2. A defesa da Mascote em acção; 3. O onze da casa A. Pessoa

Em cima: Um aspecto do desafio de rãguebi Belenenses-Sporting, que o clube azul ganhou por 3-0. Ao lado—A mesa de honra da sessão solene comemorativa do 28.º aniversário do Lisboa Glústo. Na presidência, o sr. coronel Sacramento Monteiro



O CAMPEONATO da 2.ª divisão da A.F.L.



Dois curiosos e movimentados aspectos do encontro Operário-Casa Pia, da Segunda Divisão, disputado no domingo com entusiasmo e que terminou com o empate um a um

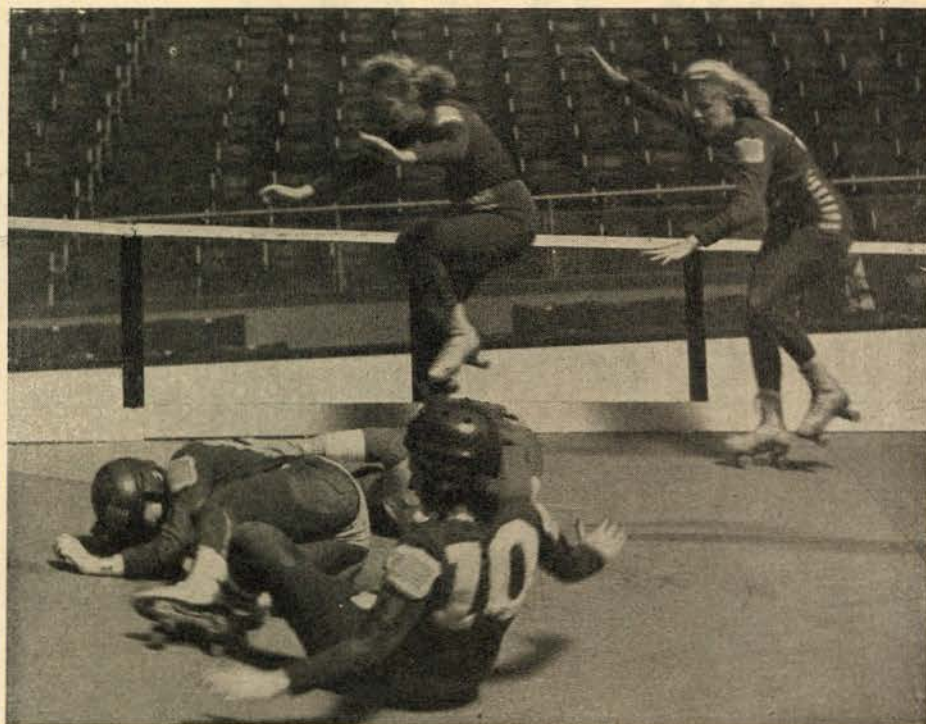
A BICICLETA

FLECHA

VENCEU A

XI VOLTA A

PORTUGAL



Em Londres disputam-se normalmente corridas de velocidade, em patins especiais, que tem o favor do público e despertam entusiasmo. Estas corridas são, por vezes, perigosas. A nossa gravura demonstra um aspecto do treino.

Stadium Esc. 2\$00